

JUL-AGO 2017

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 14,98



Igreja emergente

origens e implicações de um
movimento controverso



Diálogo emergente

As livrarias cristãs estão repletas de livros escritos por seus principais promotores. Pesquisas acadêmicas citam amplamente seus teólogos e iniciativas locais se inspiram em suas práticas. O movimento emergente já não é algo restrito a alguns projetos vanguardistas da igreja protestante nos Estados Unidos. Há algum tempo, o fenômeno se espalhou pelo mundo, e tem influenciado o modo de ser igreja em diferentes lugares do planeta, inclusive na América do Sul.

Apesar dessa notória expansão, observa-se que, de modo geral, a teologia do movimento emergente tem sido pouco analisada criticamente. Por esse motivo, existe muita desinformação sobre suas implicações, tanto da parte dos críticos quanto de seus considerados adeptos. Tal condição pode provocar equívocos na avaliação daqueles que censuram projetos contemporâneos de evangelização, como também sérios erros daqueles que irrefletidamente se dedicam a pregar o evangelho no contexto pós-moderno.

O assunto é amplo e impossível de ser esgotado em poucas linhas. Contudo, alguns pontos básicos devem ser considerados ao se discutir sobre o que significa a igreja emergente, especialmente sob a perspectiva de cristãos que valorizam a primazia da Palavra.

Em primeiro lugar, precisamos reconhecer que o fenômeno é complexo. Tratar a igreja emergente como um bloco monolítico é agir com imprudência. Mesmo seus maiores promotores reconhecem que a variedade de ideias presentes em seu amplo espectro dificulta uma definição exata do movimento. Dentro de seu arcabouço encontram-se teólogos conservadores que se preocupam apenas com a contextualização da mensagem para os pós-modernos; teólogos que estão dispostos a manter os elementos principais da doutrina cristã, mas que desejam reconstruir o modo de ser igreja; e, teólogos que se propõem a causar uma revolução a partir de uma leitura pós-moderna da Bíblia, com implicações claras sobre as crenças e o modo de ser igreja no século 21. Portanto, uma avaliação honesta do movimento deve considerar esse leque de distinções.



Precisamos verdadeiramente fazer a exegese do mundo sob o olhar da revelação bíblica.”

Na sequência, devemos reconhecer que a igreja emergente faz uma leitura proveitosa do contexto em que vivemos. Uma vez que a preocupação do movimento está relacionada com a proclamação do evangelho ao mundo pós-moderno, sua análise de nosso tempo provê *insights* muito úteis. Por exemplo, seus teóricos foram sensíveis ao fato de que a mentalidade pós-moderna é preocupada com os problemas sociais e suscetível aos ensinamentos de Jesus, mas crítica à apatia espiritual que permeia muitas igrejas protestantes tradicionais. O livro de Dan Kimball, *Eles gostam de Jesus, mas não da igreja*, lançado originalmente em 2007 e muito divulgado no Brasil, é um exemplo de como a igreja emergente tem conseguido captar os sinais identificadores da sociedade atual.

Por último, embora a igreja emergente esteja conseguindo dialogar com a mentalidade pós-moderna, devemos reconhecer que a fonte em que boa parte de seus adeptos está buscando respostas está equivocada. Um dos principais problemas do movimento é colocar a cultura contemporânea acima da Bíblia, ferindo assim o princípio da contextualização crítica, postura adotada por missiólogos sérios, na qual o evangelho é quem julga e confronta todas as culturas, e não o inverso. Para aqueles que valorizam a primazia da Palavra em todos os aspectos da vida da igreja, apesar de não concordar com diversos conceitos e práticas do movimento emergente, é necessário reconhecer que ele lança um bom desafio a nós, pastores e líderes: o de verdadeiramente fazer a exegese do mundo sob o olhar da revelação bíblica. Desse indispensável diálogo entre o Texto Sagrado e o contexto atual, e por meio de uma missão que contemple ação e reflexão, podem surgir comunidades transformadas e transformadoras. **■**



William de Moraes

Wellington Barbosa, doutorando em Ministério (Andrews University), é editor da revista Ministério

10 A gênese de um movimento

Jean Zukowski

Antecedentes históricos da igreja emergente

14 Por dentro da igreja emergente

Fernando Canale

Cuidados necessários no diálogo com a teologia do movimento

17 O desafio da contextualização

Geraldo Beulke Júnior

Uma reflexão sobre como a igreja pode manter a identidade sem perder a relevância

20 A vidente de Endor

Luiz Gustavo Assis

Informações da arqueologia e da história que ajudam a entender melhor o relato de 1 Samuel 28

23 Mais do que um símbolo

Karl Boskamp

Qual foi a atuação de Jesus nos eventos retratados no Antigo Testamento?

26 A segunda besta

Márcio Costa

Um histórico do desenvolvimento da interpretação de Apocalipse 13:11 entre os adventistas

30 Aprenda com as ovelhas

Abdoval Cavalcanti

Princípios de liderança extraídos do relacionamento com o rebanho



10

2 Editorial

5 Panorama

6 Entrelinhas

7 Entrevista

32 Pastor com paixão

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Palavra final



14



17

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 89 – Número 532 – Jul/Ago 2017

Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisora Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber

Capa Brian Jackson / Fotolia

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Carlos Hein; Lucas Alves; Adolfo Suarez; Jerry Page; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; Arildo Souza; Cícero Gama; Cornelio Chinchay; Edilson Valiante; Efraim Choque; Evaldino Ramos; Geraldo M. Tostes; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Jair G. Goís; Luis Velásquez; Mitchel Urbano; Ralides Nascimento; Rubén Montero; Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuá, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima

Diretor Financeiro Uilson Garcia

Redator-Chefe Marcos De Benedicto

Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 72,70
Exemplar Avulso: R\$ 14,98



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.000

5953 / 36394

Contribua com a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

Alegria em servir

Uma das preocupações de uma denominação mundial como a Igreja Adventista do Sétimo Dia é compreender como seus pastores têm enxergado o ministério em seus mais diferentes aspectos. Com esse objetivo, o Instituto de Ministério da Igreja, sediado na Andrews University, conduziu um estudo intitulado *O Pastor Adventista: Uma pesquisa mundial*. O projeto contou com a participação de 4.260 ministros e teve por objetivo investigar suas atitudes, práticas e sentimentos pessoais.

A investigação abarcou elementos como a percepção geral sobre o ministério, o tempo de experiência na atividade, a

compreensão a respeito da missão da igreja, os relacionamentos do pastor com as instituições denominacionais e a congregação local e o entendimento quanto às doutrinas ensinadas pela Igreja Adventista. Os resultados relacionados com os sentimentos dos pastores em relação a seu ministério são interessantes. Diante de onze declarações apresentadas, oito positivas e três negativas, os participantes foram convidados a indicar seu índice de concordância ou discordância em uma escala de cinco pontos. De modo geral, a pesquisa aponta para um ministério que acredita no chamado divino e encontra alegria no serviço. Confira os percentuais:

Declarações positivas



- 96%** Sei que Deus me chamou para ser um pastor
- 95%** Sou feliz sendo pastor
- 91%** Ser pastor se adequa aos meus dons
- 83%** Sinto-me apoiado por minha congregação
- 73%** Creio que recebo um salário justo
- 73%** Sinto-me apoiado por minha Associação/União
- 60%** Tenho tempo adequado para trabalhar
- 52%** Tenho acesso às decisões tomadas por minha Associação

23% Às vezes me sinto inclinado a deixar o ministério

25% Estou desanimado porque parece que ninguém se importa comigo

70% Necessito de mais capacitação para desempenhar melhor meu ministério

Declarações negativas



Criativos, mas bíblicos

Hoje, mais do que nunca, a igreja deve se esforçar para fazer as adaptações necessárias a fim de cumprir sua missão, alcançando a mente pós-moderna. Contudo, ela deve cuidar para não perder a essência do cristianismo e a razão de sua existência.

Isso pode parecer muito simples, mas, em nossos dias, quando as pessoas tentam viver sua fé imitando Jesus de Nazaré, deixando de lado a revelação bíblica e ajustando-se ao pensamento pós-moderno, quando se enfatiza exageradamente o pragmatismo, não é nada fácil! Infelizmente, há cada vez menos cristãos que conseguem conciliar a ortodoxia com a propagação do evangelho em nossa sociedade.

Nosso tempo é caracterizado por uma postura *antropocêntrica*, que procura satisfazer os próprios interesses e realizar sonhos e anseios particulares. Nesse contexto, a igreja corre o risco de organizar seus cultos somente pensando em agradar a audiência. Além disso, há uma forte ênfase na *experiência pessoal e sensorial*. Existe uma procura crescente por cultos e orações um tanto místicos, com canções estridentes em lugar de músicas equilibradas, que procuram substituir a adoração fundamentada no estudo da Bíblia e na reverência diante da presença Daquele que se acha no murmúrio de “uma voz mansa e delicada” (1Rs 19:12, ARC). E o mais triste, é que podemos observar certo *desprezo pelas Escrituras*. A opinião da maioria tem sido mais importante do que a revelação de Deus, encontrada em Sua Palavra. Como pregadores, corremos o risco de fundamentar nossos sermões mais na lógica humana do que no “Assim diz o Senhor”.

Conforme destaca o teólogo adventista Fernando Canale, sem dúvida, este é o tempo em que precisamos nos voltar à Palavra de Deus, usando a doutrina do santuário como chave hermenêutica para compreender a harmonia do sistema bíblico da verdade. Ademais, nós, pastores e líderes, precisamos manter em perspectiva que os pós-modernos necessitam não

de programas espetaculares ou shows, mas de conhecer o Cristo real e vivo que Se manifesta na vida dos cristãos. Nesse ponto, devemos ser conscientes de que, primeiro, é necessário que Jesus seja visto em nós, em nosso dia a dia como ministros da igreja de Deus.

Nesse contexto, é oportuno recordar o que escreveu Ellen G. White: “Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus” (*Eventos Finais*, p. 39).

Necessitamos que o Espírito Santo nos conceda discernimento para saber como atrair as pessoas a Jesus. Podemos utilizar métodos modernos e a tecnologia que temos à disposição, porém, sem cair no erro que tem levado muitas igrejas e muitos pastores a abandonar as “veredas antigas”, que não são descartáveis.

Portanto, o que mais precisamos hoje é de mostrar ao mundo o Cristo vivo, real, amoroso e prestes a vir. Necessitamos proclamar o Cristo da história, o Cristo da Bíblia, o Cristo que está no santuário celestial intercedendo por nós, e, sobretudo, o Cristo que está em nosso coração, em nossa vida, e que Se manifesta em nossos pensamentos, palavras e ações.

“Todo cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la (2Pe 3:12). Se todos os que professam Seu nome produzissem fruto para Sua glória, quão depressa não estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho! Rapidamente amadureceria a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 69). **TM**



Necessitamos que o Espírito Santo nos conceda discernimento para saber como atrair as pessoas a Jesus.”



Divulgação: DSA

Carlos Hein, doutor em Teologia (Universidad Peruana Unión), é secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

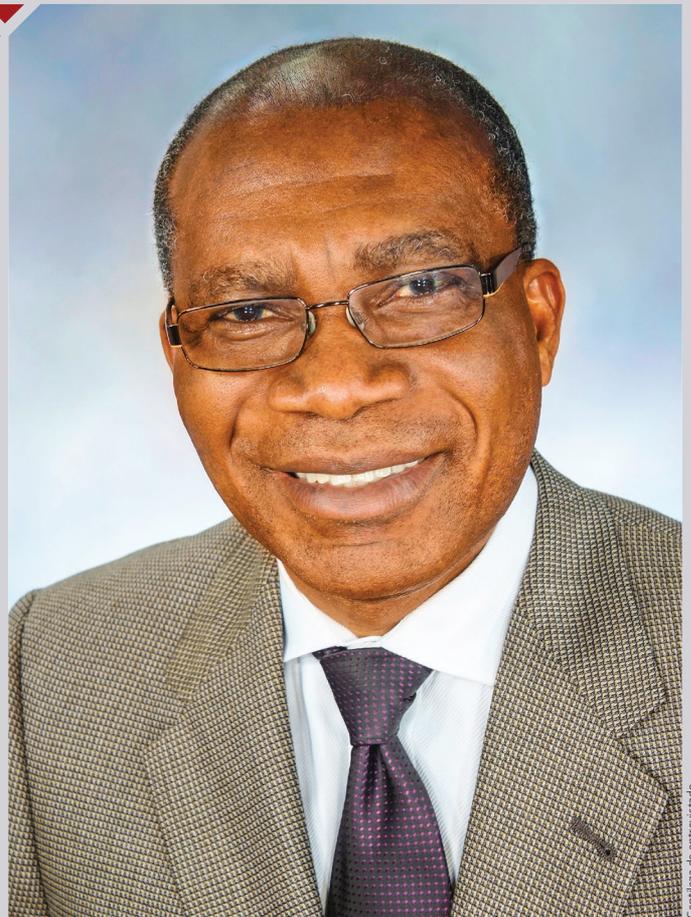
Abaixo da superfície

“Embora o movimento emergente esteja essencialmente preocupado com assuntos ligados à eclesiologia, uma vez que seu foco é tornar a igreja relevante em um contexto pós-moderno, existem outros temas teológicos relacionados, como a doutrina das Escrituras, a soteriologia e a escatologia.”

por Wellington Barbosa

O movimento emergente tem se destacado no cenário religioso pós-moderno e provocado uma série de reflexões e críticas quanto à sua teologia e prática. Na essência do debate encontra-se a preocupação com o equilíbrio entre a fidelidade à Bíblia e o cumprimento da missão de pregar o evangelho a todas as pessoas. Nesse contexto, diversos teólogos têm se dedicado a estudar o tema e produzir materiais que sirvam para orientar pastores e líderes locais. Um deles é Kwabena Donkor, diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia e autor de *The Emerging Church and Adventist Ecclesiology* (Biblical Research Institute, 2011).

Graduado pela Andrews University, Kwabena Donkor obteve seu doutorado em Teologia Sistemática, e sua tese foi publicada com o título *Tradition, Method, and Contemporary Protestant Theology: An Analysis of Thomas C. Oden's Vincentian Method*. Ele tem escrito artigos acadêmicos para revistas como a *Andrews University Seminary Studies*, *Ministry* e *Ministério*. Além disso, contribuiu com o livro *Reclaiming the Center: Confronting Evangelical Accommodation in Postmodern Times* (Crossway, 2004), ao lado de nomes renomados da Teologia evangélica, como Millard Erickson, D. A. Carson e J. P. Moreland. Ele e sua esposa, Comfort, têm dois filhos.



Gentileza do entrevistado

O que é o movimento da igreja emergente? Qual é sua origem?

Podemos dizer que o movimento da igreja emergente teve seu início a partir de uma conferência organizada pela Leadership Network, nos Estados Unidos, em meados dos anos 1990. O foco inicial do evento era o ministério para a Geração X, mas a ênfase mudou para questões relacionadas a como ser igreja em uma cultura emergente pós-moderna. É importante reconhecer que o que é amplamente categorizado como “igreja emergente” compreende uma grande variedade de igrejas e cristãos. É essa diversidade que torna difícil definir o movimento. Um modo útil de catalogar o fenômeno emergente em tipos específicos foi fornecido por Ed Stetzer, que os classifica como “relevantes”,

“reconstrucionistas” e “revisonistas”. Os relevantes são teologicamente conservadores, aceitam o evangelho conforme ele tem sido entendido ao longo da história da igreja, mas procuram torná-lo compreensível à cultura emergente. Os reconstrucionistas aceitam o evangelho, mas questionam e reconstróem grande parte da forma da igreja. Os revisonistas questionam e revisam o evangelho e a igreja.

De modo geral, como os diferentes ramos do protestantismo se posicionam em relação à igreja emergente?

É difícil avaliar a igreja emergente considerando a perspectiva dos diferentes ramos do protestantismo. A dificuldade surge principalmente pelo fato de que o movimento atravessa uma série de fronteiras teológicas e eclesiais. Os participantes se descrevem como protestantes, pós-protestantes, evangélicos, pós-evangélicos, liberais, pós-liberais, conservadores, pós-conservadores, carismáticos, neo-carismáticos, etc.

O movimento da igreja emergente surgiu como uma tentativa de reagir aos desafios impostos pela cultura pós-moderna à “igreja tradicional”. Em quais pontos eles foram bem-sucedidos? Onde falharam?

Definir sucesso ou fracasso depende dos critérios pelos quais o movimento da igreja emergente é avaliado. O que é considerado falha por um, pode ser julgado como sucesso por outro. De um ponto de vista adventista, alguém poderia ver a posição dos “relevantes” como fundamentalmente uma questão de contextualização que, em princípio, não é antibíblica (1Co 9:19-23). No entanto, a possibilidade da contextualização se transformar em algo sincrético requer muito cuidado, e deve-se encontrar princípios bíblicos em apoio ou contra quaisquer

práticas. O problema com os “reconstrucionistas” pode ser visto de forma diferente, uma vez que parecem tomar a questão da contextualização mais teologicamente, estendendo-a à própria forma e estrutura da igreja. Assim, ao contrário das práticas de adoração, em que podemos reunir princípios bíblicos para orientar uma variedade de estilos, a própria igreja, como entidade, está tão intimamente conectada ao plano de Deus para o mundo (Ef 3:10) que, ao mudar sua forma (por exemplo, adotando

É difícil avaliar a igreja emergente considerando a perspectiva dos diferentes ramos do protestantismo.

A dificuldade surge principalmente pelo fato de que o movimento atravessa uma série de fronteiras teológicas e eclesiais.

igrejas encarnacionais ou domésticas), não devemos apenas nos preocupar com a “relevância” teológica, mas também com sua “adequação”. Stetzer está correto, em princípio, quando diz: “Não quer um prédio, um orçamento e um programa? Tudo bem. Não quer a Bíblia, uma liderança bíblica e uma comunidade de aliança? Isso não está bem.” A questão com os “revisonistas” é mais preocupante, em virtude do questionamento ou da modificação de pontos e conceitos fundamentais do evangelho defendida por eles.

Quais conceitos teológicos são mais afetados pelo movimento emergente?

Embora o movimento emergente esteja essencialmente preocupado com assuntos ligados à eclesiologia, uma vez que seu foco é tornar a igreja relevante em um contexto pós-moderno, existem outros temas teológicos relacionados, como a doutrina das Escrituras, a soteriologia e a escatologia. O espaço não permite fornecer os detalhes da maneira como esses conceitos são afetados pelos emergentes. Contudo, em tese, essas doutrinas são interpretadas de modo consistente com os princípios pós-modernos, como o antifundamentalismo, a rejeição das reivindicações de uma verdade universal e objetiva e o pluralismo intelectual. Por exemplo, quando defensores das igrejas emergentes, como Brian McLaren, advogam uma abordagem narrativa da Bíblia, eles endossam a noção de que a autoridade das Escrituras reside em seu poder narrativo e não em seus aspectos didáticos. Assim, McLaren pode confortavelmente dizer que a abordagem narrativa “não diminui a agonia que se sente lendo a conquista de Canaã com os olhos de alguém ensinado por Jesus a amar a todos, inclusive os inimigos. Entretanto, isso ajuda a transformar a Bíblia no que ela é, não uma enciclopédia de verdades morais atemporais, mas a narrativa reveladora de Deus trabalhando em um mundo violento e pecaminoso, chamando

peçoas, começando com Abraão, para um novo estilo de vida” (*A Generous Orthodoxy*, 2004, p. 171). Obviamente, o impacto do movimento emergente sobre esses conceitos cristãos gera sérias preocupações.

Uma das características distintivas do movimento emergente é sua maneira de “fazer igreja”. Quais são as implicações da eclesiologia emergente para as igrejas protestantes?

Embora os protestantes reconheçam que, atualmente, a igreja como corpo de

Cristo esteja nitidamente dividida, há concordância na necessidade de defini-la como algo que inclui todos os que são salvos por Cristo, expressos como uma comunidade em todo o mundo, ainda que ao mesmo tempo presente em cada assembleia. Os protestantes também sentiram a necessidade de identificar as marcas da igreja verdadeira como o lugar em que a Palavra é corretamente pregada e os sacramentos são devidamente administrados. O movimento emergente, entretanto, pratica o que chama de “eclesiologia profunda” que, ao invés de favorecer algumas formas de igreja e criticar ou rejeitar outras, considera que cada forma tem fraquezas e forças, inconvenientes e potenciais. De fato, proponentes como McLaren defendem uma “ortodoxia generosa”, que vê os outros religiosos e não religiosos como vizinhos, colaboradores e parceiros de diálogo. Ele argumenta que a fé cristã deve não só se tornar bem-vinda para outras religiões, mas também proteger as heranças dessas religiões e não se tornar um de seus inimigos. Tais posições eclesiológicas apresentam grandes desafios para os adventistas do sétimo dia, especialmente quanto a seu autoentendimento como igreja remanescente. Dada a “ortodoxia generosa” do movimento emergente, a noção de uma igreja cristã que reivindica um papel missionário único, divinamente concedido, com significado espiritual universal, desafia tudo o que os emergentes têm defendido.

O movimento emergente enfatiza a experiência em detrimento da verdade. Por outro lado, para muitos protestantes históricos, parece haver uma ênfase maior na verdade em relação à experiência. Qual das duas ênfases está correta?

A religião cristã não reconhece uma falsa dicotomia entre experiência e verdade. O cristianismo entende o ser humano como um todo unificado e saudável da mente (cognitivo), do coração (afetivo) e da vontade (volitivo). A resposta de Jesus ao intérprete da lei em Mateus 22:37 para amar “o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” implica claramente uma devoção sincera ao Senhor, envolvendo

A ênfase pós-moderna na comunidade e nos relacionamentos é um corretivo bem-vindo, e incorporar esses elementos pode não necessariamente indicar uma assimilação dos princípios da igreja emergente. No entanto, deve-se ter em mente que as ênfases bíblico-relacional e comunitárias estão enraizadas em princípios diferentes dos pós-modernos.

todos os aspectos: emocional, volitivo e cognitivo. A dimensão cognitiva se relaciona com a verdade enquanto o aspecto emocional, com a experiência. Além disso, a compreensão do Novo Testamento da “sã doutrina” está ligada à vida cristã. Assim, nas Epístolas Pastorais, a sã doutrina é contrastada com a vida imoral (1Tm 1:10; Tt 2:1-5).

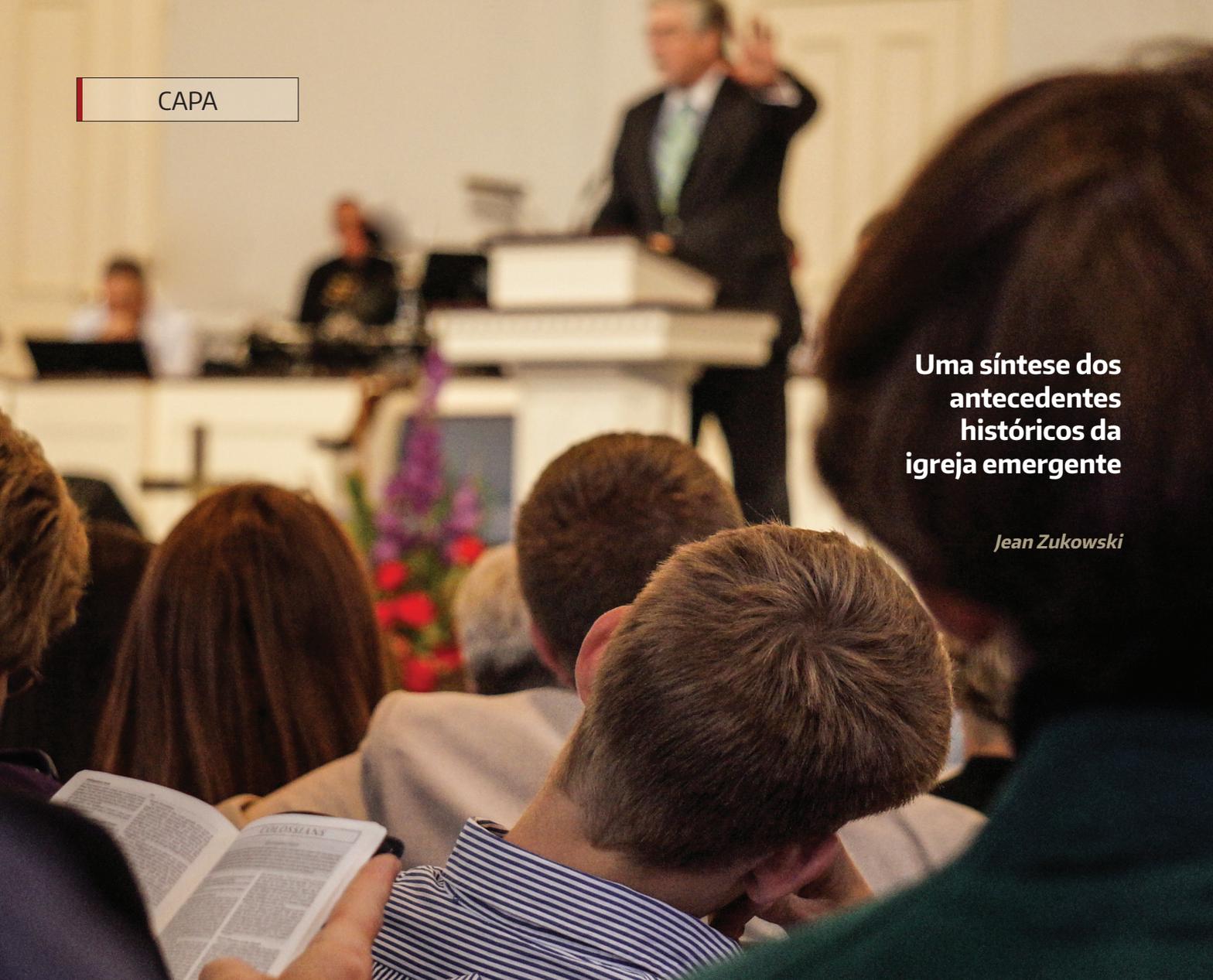
O senhor acredita que toda inserção de elementos contemporâneos na dinâmica regular da igreja seja uma adesão, ainda que inconsciente, ao movimento emergente?

Os valores pós-modernos de adoração demandam uma atitude comunal, missional e hospitaleira. Embora esses elementos sejam descritos como pós-modernos, eles não são única e distintivamente pós-modernos. De fato, a doutrina cristã do Deus Triúno já nos aponta essas direções. A disseminação do individualismo nas práticas cristãs foi um resultado infeliz da acomodação cristã à modernidade. A ênfase pós-moderna na comunidade e nos relacionamentos é um corretivo bem-vindo, e incorporar esses elementos pode não necessariamente indicar uma assimilação dos princípios da igreja emergente. No entanto, deve-se ter em mente que as ênfases bíblico-relacional e comunitárias estão enraizadas em princípios diferentes dos pós-modernos.

De modo mais específico, como pastores adventistas podem trabalhar para manter a relevância da igreja no contexto pós-moderno sem comprometer a essência teológica da denominação?

As igrejas adventistas precisam ser relevantes não apenas em contextos pós-modernos, mas em todos os contextos culturais e sociológicos em que se encontram. Assim, há a necessidade de uma contextualização adequada

e sólida que não conspire contra os valores bíblicos. Intervenções apropriadas e criativas podem incluir estilos de adoração participativos envolvendo cânticos congregacionais vibrantes, métodos dialógicos e narrativos de proclamação da Palavra e estratégias de edificação de relações comunitárias dentro da igreja. Nenhum desses elementos é, em princípio, contrário aos valores bíblicos. **M**



Uma síntese dos
antecedentes
históricos da
igreja emergente

Jean Zukowski

A *gênese* de um

No fim do século 19 e início do século 20, a raça humana viveu a expectativa de grandes realizações. A crença no desenvolvimento científico, que resultaria em respostas objetivas para os problemas do mundo, era a certeza de um novo tempo para a humanidade.¹ Nessa perspectiva, acreditava-se que a sociedade moderna conseguiria alcançar, por meio

da ciência, da industrialização e do capitalismo, uma condição contínua de progresso e realizações.² Os países então seriam caracterizados por homens livres e pensantes, que viveriam em um regime democrático, respeitando os direitos individuais.³

Contudo, as duas guerras mundiais, o aumento de doenças, a adoção de sistemas políticos que não trouxeram igualdade entre os povos e os problemas ecológicos

provenientes do desenvolvimento científico levaram as pessoas a descreer dos ideais modernos de progresso. Desse modo, os chamados pós-modernos passaram a questionar os pressupostos da modernidade. Para eles, é praticamente impossível alcançar soluções para os problemas humanos aplicando as leis naturais invioláveis do universo que, de acordo com seus antecessores, quando conhecidas e seguidas,

levariam a humanidade a experimentar a sociedade ideal.

Além de refutar o ideal moderno, os pós-modernos também começaram a contestar qualquer instituição que, de forma objetiva, apresentasse soluções para o mundo. Duas em especial se tornaram alvos desse ceticismo: a família e a igreja. Tal descrença fez com que os jovens nos anos 80, 90 e 2000 se afastassem das denominações estabelecidas e buscassem respostas em movimentos que valorizassem a experiência espiritual sem, todavia, estar comprometidos com instituições religiosas.

A evasão da juventude que frequentava a igreja levou estudiosos cristãos a buscar respostas para o problema. Uma delas é o movimento emergente que, em alguns lugares, tem conseguido chamar atenção das novas gerações. As estratégias evangelísticas adotadas pela igreja emergente têm sido elogiadas e criticadas por vários líderes cristãos. A fim de se compreender melhor esse movimento, este artigo apresenta uma breve definição e descrição do contexto histórico em que ele se desenvolveu, com o objetivo de prover recursos para uma avaliação adequada de suas propostas.

engajar com a pós-modernidade, aceita-a como um fato que não pode ser mudado e entende que a igreja precisa se adaptar e aproveitar o máximo disso na evangelização; (3) orientado pela *praxis*: defende a primazia da ortopraxia sobre a ortodoxia, direcionando suas energias na adaptação da adoração para a cultura emergente, considerando assim promover uma igreja missional; (4) pós-evangélico: advoga a pluralidade teológica sem defender o exclusivismo religioso ou o monopólio de Deus pelo mundo cristão; e (5) político: ligado ao foco social e à liderança política da nação, na defesa dos direitos individuais, das minorias e das questões ecológicas.⁵

Eddie Gibbs afirma que “as igrejas emergentes são comunidades missionais que surgiram na cultura pós-moderna e consistem de seguidores de Jesus que estão procurando ser fiéis em seu tempo e lugar”.⁶ Segundo Kathy Smith, o movimento pode ser definido também como “uma mudança teológica/filosófica no que significa seguir Jesus”.⁷

Mark Driscoll, por sua vez, apresenta três tipos básicos de igrejas cristãs: tradicional e institucional, contemporânea e evangélica e, emergente e missional. Para ele, cada uma tem características

da graça para amar seu Senhor, seus vizinhos e seus amigos cristãos”.⁸

Ao analisar os escritos de opositores e defensores do movimento, percebe-se uma crítica à cosmovisão moderna e uma defesa de que a igreja emergente é uma resposta do cristianismo ao desafio missiológico da pós-modernidade.

Contexto histórico

Para entender como surgiu o movimento emergente, é necessário compreender um pouco da história do pensamento teológico a partir do século 19.

A teologia moderna foi significativamente influenciada pelos estudos de Friedrich Schleiermacher (1768-1834). Seguindo o conceito epistemológico de Immanuel Kant (1724-1804), que não reconhecia a comunicação cognitiva entre o mundo de Deus e o mundo dos homens, o mundo natural e o sobrenatural,⁹ Schleiermacher concluiu que Deus Se comunica com o ser humano por meio dos sentimentos, não da razão. Assim, a religião é essencialmente uma intuição, um sentimento; é o milagre de ter um encontro direto com o infinito.¹⁰

Uma das reações à teologia moderna foi a neo-ortodoxia de Karl Barth (1886-1968). Ele e outros eruditos procuraram resgatar a teologia dos primeiros protestantes, enfatizando a transcendência divina e a revelação por meio de Cristo em detrimento da teologia natural. Rejeitou-se, portanto, o método crítico-histórico como única interpretação possível das Escrituras e buscou-se apresentar o evangelho a partir da própria Bíblia, sem recorrer ao auxílio do sistema filosófico.¹¹ Muito embora a neo-ortodoxia tenha sido bem aceita na Europa, ela não teve grande influência no protestantismo norte-americano.

Outra resposta à teologia moderna é o fundamentalismo que, seguindo a escola teológica de Princeton, responde à teologia moderna afirmando cinco pontos essenciais: a inerrância bíblica, a divindade e o nascimento virginal de Cristo, a expiação

movimento

Definição: tarefa difícil

Definir igreja emergente não é algo fácil de se fazer, pois o movimento é composto de variadas opiniões e lideranças, que defendem e aplicam teologias e práticas muito distintas.⁴ Scot McKnight, por exemplo, caracteriza o fenômeno por meio de cinco temas: (1) profético: critica a igreja atual de forma provocativa e busca promover mudanças; (2) pós-moderno: procura se

diferentes e visam atingir públicos distintos. Sua proposta de trabalho, denominada “reformissão”, é o resultado da mistura de evangelho, cultura e igreja, que pretende combinar os melhores aspectos de todos os tipos já existentes de igreja, pois, “vive a tensão de ser culturalmente liberal; contudo, teologicamente conservadora”. Assim, procura estabelecer “igrejas que são absolutamente dirigidas pelo evangelho

substitutiva de Cristo, a ressurreição corpórea de Cristo, e a segunda vinda de Cristo.¹²

Como correção ao que foi considerado uma má apologética apresentada pelo fundamentalismo, surgiu nos Estados Unidos o neo-evangelicalismo. Esse grupo procura defender de maneira acadêmica muitos dos pressupostos fundamentalistas, mas com maior flexibilidade. Fernando Canale argumenta que eles se diferenciaram dos fundamentalistas em cinco áreas principais: (1) na responsabilidade social, defendem maior engajamento na cultura ao aplicar o evangelho; (2) na eclesiologia, promovem flexibilização missiológica para se envolver nos desafios modernos; (3) na ciência, aceitam gradativamente o modelo evolucionista; (4) na Bíblia e (5) na teologia, adotam parcialmente o método crítico-histórico e a inerência parcial das Escrituras.¹³

A flexibilização neo-evangélica, somada à adoção de práticas carismáticas no estilo de adoração das principais igrejas protestantes norte-americanas, levou ao crescimento da frequência aos cultos e ao uso do pragmatismo nas estratégias missiológicas por parte dos pastores. Destaca-se nesse contexto o surgimento das *megachurches*, que alcançaram grande sucesso ao adotar estratégias mercadológicas de evangelização centralizadas em estilos de adoração para atingir a mente secular.¹⁴

Com a mudança de paradigma da modernidade para a pós-modernidade, o movimento evangélico continua seu processo natural de adaptação à nova realidade cultural. Inspirado nas *megachurches* e usando estratégias de *marketing*, surge o movimento emergente, como uma evolução do conceito das *megachurches*, conforme afirmou Hans Küng.¹⁵

Embora a própria igreja emergente reconheça que há divergências tanto em sua teologia quanto em suas práticas, ela representa a continuação do esforço missiológico neo-evangélico de ser relevante em sua cultura dentro da crise entre modernidade

e pós-modernidade. Alegando que a igreja evangélica, formada dentro da modernidade, não é capaz de responder às necessidades da sociedade pós-moderna, o movimento constrói sua identidade contrapondo modernismo e pós-modernismo, criticando as bases modernas do mundo evangélico, mas usando a mesma base da teologia moderna, a teologia como doxologia. Assim, colocam no centro da espiritualidade a vida da igreja e a adoração.

Apresentando-se como uma crítica à modernidade e à irrelevância da igreja para a sociedade pós-moderna, o movimento aponta problemas e propõe soluções para que o cristianismo continue a ser relevante e o evangelho de Cristo possa atingir o mundo secularizado. Os principais pontos criticados pela igreja emergente são: (1) a maneira moderna de fazer igreja não alcança as novas gerações; (2) não há coerência no mundo religioso entre o que é defendido como regra de fé e prática e o que é vivido; (3) a arrogância religiosa que defende o absolutismo da verdade; (4) a defesa da ortopraxis em oposição à ortodoxia; (5) uma igreja verdadeira só alcança seus objetivos se for relevante em sua comunidade; (6) o fundamentalismo evangélico;¹⁶ (7) a necessidade de uma reforma que tenha um cunho missiológico; e (8) a importância de uma visão eclética e ecumênica de adoração.

Conclusão

Embora muitos problemas levantados pelos emergentes sejam válidos e mereçam uma resposta da igreja, sua metodologia, base teológica e filosófica devem ser avaliadas se são consistentes com a revelação bíblica. Como mudanças culturais são inevitáveis e têm ocorrido de forma muito veloz em nossos dias, a igreja de Cristo no tempo do fim tem que se levantar e, de maneira sábia e criativa, desenvolver métodos que possam alertar o mundo de sua condição, dar-lhe uma visão correta do momento histórico em que vivemos

e de como estar em pé no dia do Senhor. Isso, contudo, deve ocorrer sem que se perca a identidade escatológica expressa em sua teologia de missão. **M**

Referências

- ¹Stuart Gieben Bram Open University Hall, *Formations of Modernity* (Oxford: Polity in association with Open University, 1992).
- ²Anthony Giddens, *Runaway World: How Globalisation Is Reshaping Our Lives* (Londres: Profile Books, 2002).
- ³Gary K. Browning, Abigail Haldie e Frank Webster, *Understanding Contemporary Society Theories of the Present* (Londres: SAGE, 2000).
- ⁴Aaron Flores, "An Exploration of the Emerging Church in the United States: The Missiological Intent and Potential Implications for the Future" (dissertação de mestrado, Vanguard University, 2005), p. 7.
- ⁵Ibid.
- ⁶Eddie Gibbs e Ryan K. Bolger, *Emerging Churches: Creating Christian Community in Postmodern Cultures* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005), p. 28.
- ⁷Kathy Smith, "Training Wheels", *Congregations* 39, n. 3 (2012): p. 19.
- ⁸Mark Driscoll, *Confessions of a Reformation Reverend: Hard Lessons from an Emerging Missional Church* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006), p. 16.
- ⁹Immanuel Kant, *Critique of Practical Reason* (Indianapolis: Hackett Pub. Co., 2002).
- ¹⁰Friedrich Schleiermacher, *On Religion: Speeches to Its Cultured Despisers* (Nova York: Harper, 1958).
- ¹¹Roger E. Olson, *The Story of Christian Theology: Twenty Centuries of Tradition & Reform* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), p. 570-589.
- ¹²Fernando Canale, "The Emerging Church – Part 1: Historical Background", *Journal of the Adventist Theological Society* 22, n. 1 (Spring 2011), p. 94.
- ¹³Ibid., p. 96.
- ¹⁴Ibid.
- ¹⁵Hans Küng, *Theology for the Third Millennium: An Ecumenical View* (Nova York: Doubleday, 1988).
- ¹⁶Brian McLaren, *A Generous Orthodoxy: Why I Am a Missional, Evangelical, Post/Protestant, Liberal/Conservative, Mystical/Poetic, Biblical, Charismatic/Contemplative, Fundamentalist/Calvinist, Anabaptist/Anglican, Methodist, Catholic, Green, Incarnational, Depressed-yet-Hopeful, Emergent, Unfinished Christian* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006).

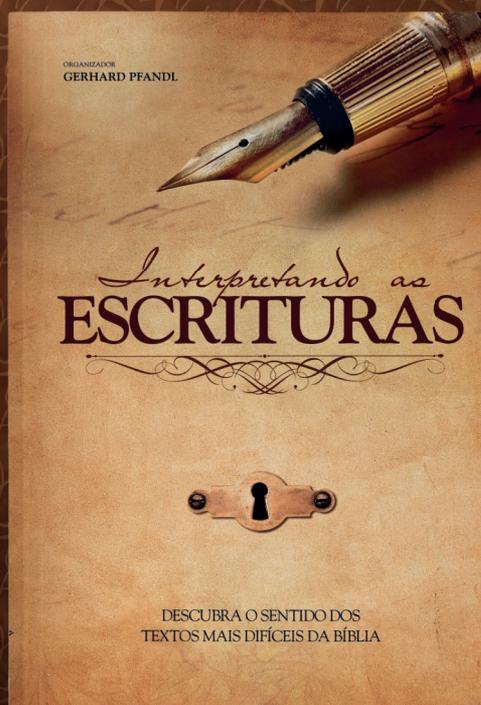
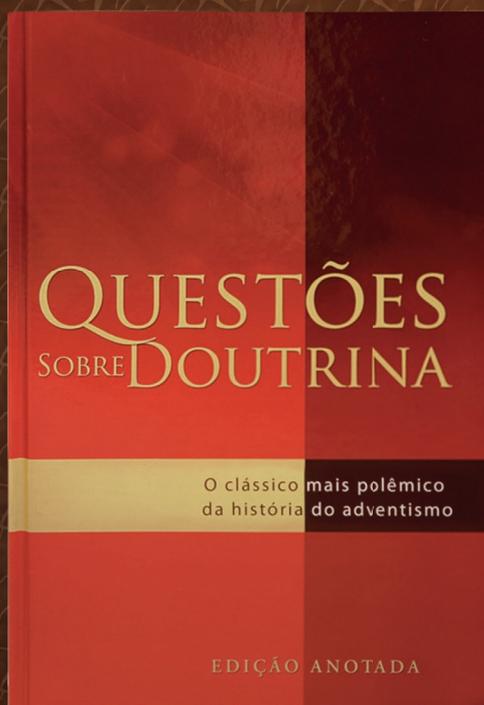


Jean Zukowski, doutor em Teologia Histórica (Andrews University), é professor na Faculdade de Teologia do Unasp, EC

Seu estudo com maior profundidade

Este livro foi escrito para apresentar uma visão mais clara sobre os ensinamentos adventistas para o mundo evangélico, além de motivar a Igreja Adventista a refinar sua teologia em vários aspectos. Com o lançamento desta edição anotada em português, você tem a oportunidade de conhecer esta obra-prima da apologética adventista de forma mais acessível.

Descubra o significado dos textos mais difíceis da Bíblia. Este importante livro foi escrito para pessoas que, enfrentando dificuldades na compreensão de certos textos bíblicos, ficariam gratas em receber alguma ajuda. Ele também será útil a pastores e instrutores bíblicos em seus respectivos ministérios.



Por dentro da igreja *emergente*

O que você precisa
saber sobre
esse movimento
contemporâneo
que pretende
reformular a
comunidade cristã



No dia 8 de julho de 2005, um documentário exibido pela rede de TV norte-americana Public Broadcasting Service (PBS) definiu igreja emergente como “um movimento crescente que está repensando o que o cristianismo e a igreja devem representar em uma cultura contemporânea”.¹ Bob Abernethy, âncora do programa, comentou que o movimento propõe um modelo de adoração e de igreja para as novas gerações, que experimentam a mutação cultural que ocorre atualmente.

O que é igreja emergente? O que isso envolve? Por que devemos nos preocupar?

O que é?

Podemos descrever igreja emergente como um movimento dentro das igrejas evangélicas empenhado em adaptar estilos e práticas de adoração, com o objetivo de atrair a juventude secular e pós-moderna, membros em geral e pessoas não cristãs por meio de uma nova proposta cultiva.

Quando os evangélicos emergentes adoram, eles geralmente utilizam vários estilos musicais. Do rock pesado a hinos tradicionais, dos cânticos *spiritual* a canções litúrgicas tradicionais do cristianismo e judaísmo. A liturgia pode estimular o adorador a se movimentar durante o culto e a se envolver em vários rituais. Geralmente estes incluem práticas místicas, oração contemplativa e pedidos escritos de oração. Oficinas de pintura ou outras formas de arte também podem ser oferecidas a fim de ajudar o fiel a se expressar em sua adoração. Nesse paradigma litúrgico sacramental, os fiéis veem Cristo em todas essas atividades.²

O ponto central da adoração da igreja emergente não é a pregação da Bíblia, mas seu ritual (eucaristia). Para alguns líderes do movimento, os “sermões” são opcionais,³ outros os apresentam de maneira simples e resumida, ou usam projeções e representações artísticas. Em alguns casos, vários apresentadores substituem o

pregador, e preferem contar histórias a pregar como “transferência autoritativa de informações bíblicas”.⁴

Assim, podemos dizer que essa nova adoração e espiritualidade “emerge” da antiga liturgia católica romana, da espiritualidade oriental, do culto carismático contemporâneo e da cultura pós-moderna.⁵

O que está envolvido?

Movimentos complexos têm muitas causas inter-relacionadas, e a igreja emergente não é exceção. Uma série de questões de grande alcance impulsionou sua rápida ascensão e aceitação nos círculos evangélicos. Entre elas encontramos o sentimento de insatisfação interna quanto à atual condição da teologia evangélica, com suas persistentes divisões doutrinárias,⁶ e o alarmante percentual de jovens evangélicos que abandonam as igrejas.⁷ Esses fatores são combinados com a convicção de se ter encontrado a chave para superar tais desafios, usando para isso os recursos disponíveis no supermercado das tradições antigas e da cultura pós-moderna.

A igreja emergente, portanto, envolve mais do que simplesmente mudanças no estilo de adoração.⁸ O teólogo evangélico Justin Taylor descreve os líderes do movimento como “evangélicos autoproclamados que procuram revisar a teologia, renovar a essência da adoração e transformar a comunidade adoradora evangélica, que está consciente do contexto global pós-moderno no qual vivemos”.⁹ Isso indica que a igreja emergente não trata apenas das inovações de culto. Em vez disso, propõe uma grande revisão da crença evangélica, de sua teologia e identidade eclesiológica. O objetivo é renovar o centro do movimento evangélico.

A igreja emergente intencionalmente procura adaptar o cristianismo ao pensamento pós-moderno. De acordo com Stanley Grenz, falecido líder teológico do movimento, a incorporação de ideias modernistas deficientes¹⁰ levou os evangélicos

ao fundamentalismo e às divisões liberais e conservadoras que surgiram entre as denominações protestantes na metade do século 20.¹¹ Grenz defendia que a solução para os problemas teológicos evangélicos era adotar ideias pós-modernas. Na prática, isso implicava renunciar a todos os absolutos (filosóficos e bíblicos) e abraçar a tradição cristã e a cultura pós-moderna como a nova base sobre a qual a igreja deveria se firmar. Assim, o novo movimento se vê emergindo da tradição cristã como uma “reforma pós-moderna” da igreja.¹²

À medida que os cristãos emergentes interpretam as Escrituras a partir da perspectiva hermenêutica da tradição da igreja,¹³ inevitavelmente abraçam o pluralismo teológico, o relativismo e o ecumenismo católico romano.¹⁴ Por essa razão, o movimento não “possui um sistema hermético ou declaração de fé”.¹⁵ Seu projeto teológico promove a unidade geral dos cristãos, abraçando uma “ortodoxia generosa”¹⁶ que inclui a maioria dos ensinamentos e práticas tradicionais que “emergiram” ao longo da história cristã.

Stanley Grenz defendia com convicção que o movimento evangélico e a Reforma Protestante são de natureza ecumênica.¹⁷ Voltando às suas raízes, os evangélicos emergentes querem se tornar o principal movimento do evangelicalismo norte-americano.¹⁸

Por que se importar?

Durante os últimos 50 anos, o uso de materiais “evangélicos” aumentou significativamente no meio adventista. Em vez de refletir na exatidão e criatividade das Escrituras, muitos têm se contentado em seguir as tendências. Esse empréstimo acrítico ocorre não só na teologia, mas também no ministério, na espiritualidade, no culto e na missão. Um crescente número de pastores tem recomendado literatura emergente às suas igrejas para a vida devocional, ministérios, missão e adoração. Se algo não for feito, esse processo pode redefinir o adventismo à imagem da igreja emergente.

É preciso notar que surgem no movimento práticas pastorais distantes das Escrituras, baseadas no pentecostalismo e na espiritualidade mística católica.¹⁹ A princípio, é difícil compreender os evangélicos emergentes que abraçam a espiritualidade mística e restabelecem as formas litúrgicas do catolicismo romano. Certamente, eles acham o misticismo católico compatível com o evangelho.

Contudo, para entender o porquê, precisamos nos lembrar de que já ocorreu uma mudança paradigmática no culto e na espiritualidade do evangelicalismo. O paradigma do estilo de adoração carismático substituiu em grande parte o paradigma bíblico de adoração instituído pela Reforma, que era centrado na Palavra de Deus.

Além disso, também precisamos nos lembrar de que, como os estilos de adoração carismática e católica estão baseados nas mesmas premissas filosóficas e teológicas, seus rituais são vistos como mediadores da presença de Deus para o adorador. Não é de admirar, então, que os emergentes não façam nenhuma objeção em seguir esse modelo, não somente nas práticas espirituais particulares, mas também no apelo de seus cultos a um público pós-moderno que diz experimentar Deus *diretamente* e não por meio das Escrituras. A igreja emergente está voltando para Roma. Se continuarmos brincando de “siga o mestre”, as novas gerações voltarão a Roma também.

No entanto, há uma forte oposição ao movimento entre membros e líderes evangélicos. Compreendendo que a igreja emergente está radicalmente redefinindo o evangelicalismo, alguns deles têm se envolvido, mas com ressalvas.²⁰ Não é de surpreender que o debate seja sobre o papel das Escrituras na teologia, no ministério e na adoração. Esses líderes questionam a rejeição das Escrituras como a única fonte da teologia e do ministério.²¹ Fidelidade à Bíblia e à sua interpretação é a linha que

os divide. O evangelho e a identidade do movimento estão em jogo. O destino da igreja remanescente também.

Como remanescentes de Deus, nossa missão, identidade e natureza estão no entendimento consistente e na aplicação inteligente de todos os ensinamentos bíblicos. Nossa vida, nosso ministério, nosso culto e nossa missão devem resultar de um profundo estudo e compromisso com a Bíblia. Isso significa que nosso modo de pensar, em todo o mundo, deve se fundamentar exclusivamente nas Escrituras, e não nas diversas culturas e tradições.

Se você está entre aqueles que usam recursos das igrejas emergentes, sabe que há coisas boas e ruins nesses círculos. No entanto, com base nas evidências apresentadas, eu sugiro que você não as “transfira” automaticamente para nossas igrejas e ministérios, mas, primeiramente, avalie tudo criticamente à luz do pensamento bíblico, a fim de reter o que é bom e remodelá-lo para se adequar à visão teológica adventista presente em nossos princípios e doutrinas bíblicas. Isso requer dos ministros e membros uma ampla compreensão da história do amor de Deus no grande conflito, conforme revelado em Sua Palavra.

O desafio

A cultura está mudando rapidamente. O evangelicalismo está mudando. O ecumenismo está se intensificando. A história está cumprindo a profecia, e as apostas são altas para o remanescente final de Deus. Os adventistas do sétimo dia permanecerão fiéis às Escrituras, ou se acomodarão à tradição e à cultura?

Para cumprir nossa missão, devemos parar de “seguir o mestre” da reforma pós-moderna do evangelicalismo e nos tornar líderes de uma reforma bíblica,²² seguindo somente as Escrituras e gerando um movimento aprovado pelo Céu.

Na fidelidade pessoal e teológica às Escrituras, devemos ser criativos em

encontrar maneiras de alcançar todas as culturas com a história da salvação. Afinal, Deus chamou Sua igreja remanescente para desempenhar o papel principal no capítulo final da grande controvérsia entre o bem e o mal. **IM**

Referências

- ¹ Bob Abernethy, “The Emerging Church, parte 1”, <www.pbs.org>.
- ² Dan Kimball, *Emerging Worship* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004), p. 95.
- ³ *Ibid.*, p. 87.
- ⁴ *Ibid.*
- ⁵ D. A. Carson, *Becoming Conversant With the Emerging Church* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2005), p. 12.
- ⁶ *Ibid.*, p. 14.
- ⁷ Philip Clayton, *Transforming Christian Theology* (Mineápolis, MN: Fortress, 2010), p. 46.
- ⁸ Scot McKnight, “Five Streams of the Emerging Church”, *Christianity Today*, fevereiro de 2007.
- ⁹ Justin Taylor, “An Introduction to Postconservative Evangelicalism and the Rest of This Book”, em *Reclaiming the Center*, ed. Millard J. Erickson (Wheaton, IL: Crossway Books, 2004), p. 18.
- ¹⁰ Carson, p. 25, 26.
- ¹¹ Stanley J. Grenz, *Renewing the Center* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2000), p. 86, 326-331.
- ¹² Leonard Sweet, *SoulTsunami* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999), p. 17.
- ¹³ Grenz, p. 214-215, 315.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 346-351.
- ¹⁵ McKnight, *Ibid.*
- ¹⁶ Brian D. McLaren, *A Generous Orthodoxy* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004).
- ¹⁷ Grenz, p. 325.
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 350, 351.
- ¹⁹ McLaren, p. 175.
- ²⁰ Roger Oakland, *Faith Undone* (Silverton, OR: Lighthouse Trails, 2007).
- ²¹ Chad Owen Brand, “Defining Evangelicalism”, *Reclaiming the Center*, p. 295-304.
- ²² Angel Manuel Rodríguez, “The Adventist Church and the Christian World”, *Perspective Digest*, 2008, p. 17.



Gentileza do autor

Fernando Canale, doutor em Teologia (Andrews University), é professor emérito de Teologia e Filosofia do Seminário Teológico da Andrews University

O desafio da contextualização

Em um mundo plural, como a igreja pode manter sua identidade e demonstrar sua relevância?

Geraldo Beulke Júnior

Em dezembro de 2015, num curto trajeto entre duas cidades, tive a oportunidade de iniciar um diálogo com uma estudante do curso de História de uma universidade federal do Sul da Bahia. A jovem me perguntou para onde eu estava indo, e respondi que havia sido convidado para discursar no culto de formatura da Faculdade de Medicina da universidade em que ela estudava. Perguntou se eu era médico e ficou positivamente admirada quando soube que eu era pastor, formado em Teologia. Então passou a revelar seu interesse em estudar Teologia, mas não uma “teologia denominacional” e sim algo como história geral das religiões, incluindo budismo, islamismo e hinduísmo. Perto do fim da conversa, questionou-me se em meu bacharelado eu

havia estudado sobre a formação do cânon bíblico, ao que respondi afirmativamente. Sua pergunta seguinte foi: “E ainda assim você continua acreditando na Bíblia?”

O questionamento dessa estudante representa os preconceitos de muitos daqueles que se assentam nos bancos de uma universidade. E de outros tantos que, independentemente de seu *status* acadêmico, não compreendem qual o sentido do texto bíblico e como ele pode trazer significado à vida. Mais do que isso, a representatividade desse questionamento nos obriga a refletir sobre o quanto a igreja, como Corpo do Cristo, especialmente em sua dimensão local, está disposta a considerar sua abordagem com “grupos específicos, delineados por aspectos demográficos, linguísticos, socioculturais, religiosos e capacidades diferentes”.¹

Essa definição sobre *grupos específicos*, estabelecida e votada pela Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, não apenas demonstra uma preocupação em apresentar o evangelho eterno a tais classes, como define o método a ser utilizado nesse trabalho: “As abordagens e estratégias devem ser *contextualizadas e alinhadas com a mensagem, os valores, estilo de vida e o programa oficial da Igreja Adventista*.” Ao mesmo tempo em que a redação do voto preza pela *identidade* denominacional – mensagem, valores, estilo de vida e programa oficial – deixa clara a necessidade de *relevância*, ao afirmar que as abordagens e estratégias devem ser *contextualizadas*. Mas, o que é *contextualização*? O que a igreja local precisa saber urgentemente sobre esse tema?



Apesar dos vários significados que têm sido associados à palavra, desde o início de seu uso, provavelmente na década de 1970,² podemos concebê-la, em termos gerais, como estando ligada à postura missionária de identificar-se culturalmente, à comunicação eficaz da mensagem do evangelho e à formação de uma comunidade/igreja que venha a ser liderada, sustentada e expandida pelo próprio público que se pretende alcançar.³

Bruce Nicholls diz que contextualização “não é simplesmente uma palavra da moda ou um lema, mas uma necessidade teológica exigida pela natureza encarnacional da Palavra”,⁴ caracterizada pela capacidade de responder de forma relevante ao evangelho dentro do cenário em que a própria pessoa se encontra. Por isso, ela se ocupa de fatores contemporâneos na mudança cultural. Não é à toa que Timothy Keller, pastor titular da conceituada e contextualizada *Redeemer Presbyterian Church*, em Manhattan, afirma que “a habilidade de contextualizar é um dos segredos do ministério eficaz hoje”.⁵

A necessidade

Entre os vários “mundos” que convivem em nosso pequeno planeta,⁶ diferindo uns dos outros não apenas em aspectos étnicos e religiosos, mas em fatores socioculturais, políticos e filosóficos, temos o mundo do cristianismo ocidental, onde ser cristão passou a ser mais uma tradição e menos uma realidade na vida diária; o mundo dos pobres, com mais de 1 bilhão de pessoas famintas amontoadas nas favelas do planeta; e, o mundo urbano, com mais de 300 cidades cuja população em cada uma delas ultrapassa 1 milhão de habitantes, alguns dos quais se encontram bem entrincheirados em selvas de prédios e condomínios planejados para suprir suas necessidades. São grupos variados que necessitam ser alcançados de formas diversificadas.

O fato é que o processo de globalização, percebido como “o crescente fluxo de comércio, finanças, cultura, ideias e pessoas

efetuado pelas viagens, pelas sofisticadas tecnologias de comunicação e pela expansão mundial do capitalismo neoliberal, bem como as adaptações local e regional a esses fluxos e as resistências a ele”,⁷ criou um cenário em que pessoas de culturas claramente distintas se obrigam a viver em um mesmo território, repartindo os mesmos recursos naturais e humanos e participando de comunidades culturalmente pluralistas. Temos o mundo, com sua multiplicidade cultural, em nosso bairro, nos arredores de nossa igreja ou mesmo dentro dela.

Essa diversidade sociocultural, tão próxima e presente, exige que a apresentação da mensagem seja contextualizada. Em realidade, a contextualização não é uma escolha; o que se pode escolher é como lidar com ela, pois, à medida que buscamos comunicar algo, sempre estaremos fazendo muitos tipos de escolhas culturais que vão além de “idioma e vocabulário, expressividade emocional e ilustrações. Contextualização afeta a maneira de raciocinar, porque uma forma de apelo é persuasiva às pessoas de uma cultura, mas não às de outra”.⁸ Quanto mais cedo entendermos que, embora exista apenas um único evangelho verdadeiro, não existe uma apresentação única e universal das boas-novas que seja inteligível a todas as pessoas, mais nos dedicaremos a contextualizar de forma consciente, responsável e bíblica, compreendendo e evitando os possíveis e reais perigos que envolvem essa conduta.

Os perigos

De forma resumida, os perigos e efeitos desagradáveis podem estar mais intimamente ligados à postura do sujeito da contextualização. É preciso evitar os extremos de pensar que é possível evitar a contextualização ou contextualizar sem filtros, de forma *acrítica*.⁹

Se acharmos que é possível evitar a contextualização e, portanto, nos negarmos a aplicá-la em nossa comunidade, inconscientemente já estaremos profundamente

contextualizados a outra cultura e tornaremos o evangelho desnecessariamente estranho e repleto de barreiras aos “mundos” que estão ao nosso redor. Um exemplo desse tipo de atitude pode ser encontrado na comunidade *amish* que, apesar de procurar rigidamente se manter isolada da cultura atual, não se percebe fortemente contextualizada a uma cultura morta do século 18. Algumas de nossas congregações podem estar caindo no mesmo erro. Para não dialogar com a mudança cultural no estilo musical, por exemplo, há congregações que “canonizam” o hinário, esquecendo-se de que muitas composições estão também contextualizadas, mas aos séculos 19 e 20 e, em geral, a comunidades de origem europeia e norte-americana. O propósito aqui não é, de forma alguma, afirmar que o hinário deve ser abandonado. A reflexão é sobre colocá-lo em uma posição que elimina as expressões musicais contemporâneas que também estão em harmonia com os princípios bíblicos. A falta de compreensão sobre o que significa contextualizar pode nos levar a comunicar uma verdade eterna em uma língua morta.

Outro perigo está na contextualização acrítica, uma aceitação sem filtros da cultura ao redor, uma rendição do evangelho a antigas crenças, rituais, costumes, artes e filosofias, que resultam no sincretismo – uma religião diferente por meio de uma superacomodação a uma cosmovisão incompatível com a Bíblia. Exemplos disso se encontram em expressões evangélicas do chamado movimento emergente.

Desse modo, precisamos estar atentos a essas posturas, em uma época de certa tensão entre tentativas de se formar comunidades contextualizadas e o receio de contextualizar. Não podemos cair na ingenuidade de pensar que a cultura é neutra, nem nos permitir o radicalismo de nos negarmos a interagir com ela. Precisamos de sensatez teológica e refletir, a partir do texto bíblico, a fim de manter a identidade e oferecer relevância.

Paradigma bíblico

Apesar da necessidade de um artigo apenas para esse tema, não se pode deixar de mencionar o padrão bíblico revelado e evidenciado na encarnação de Jesus e na postura de Paulo como referência para a contextualização. Quando falamos sobre contextualização em Paulo, é possível que 1 Coríntios 9:19-23¹⁰ seja o primeiro texto a ser lembrado. De fato, essa passagem ressalta a relação do contextualizar com o discipular: cinco vezes Paulo utiliza o verbo “ganhar” e, então, o conecta com “salvar”. Lido no contexto da carta, o texto indica mais do que uma estratégia; aí está o estilo de vida do apóstolo, sua conduta amorosa de servo que se contextualiza a diferentes culturas para ganhar pessoas. Ellen White usou esse aspecto de Paulo como paradigma para os pastores: “O ministro não deve julgar que toda a verdade tem que ser apresentada aos incrédulos em toda e qualquer ocasião. Ele deve estudar com cuidado quando convém falar, o que dizer, e o que deixar de mencionar. Isso não é usar de engano; é *trabalhar como Paulo fazia*. [...] Assim variava o apóstolo sua maneira de trabalhar, *adaptando sua mensagem às circunstâncias em que se achava*. [...] Os obreiros de Deus devem ser homens de múltiplas facetas; isto é, devem possuir largueza de caráter. Não devem ser homens apegados a uma só ideia, estereotipados em sua maneira de agir, incapazes de ver que sua *defesa da verdade deve variar segundo a espécie de pessoas entre as quais trabalham, e as circunstâncias que se lhes deparam*”¹¹

Mais adiante, em 1 Coríntios 10:32-11:1, Paulo apresenta a contextualização como expressão de amor, cujo padrão é Cristo: “Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus, assim, como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos. Sede meus imitadores, como

também eu sou de Cristo.” Os leitores de 1 Coríntios são levados ao Paradigma por excelência e à essência do discipulado – ser como Jesus. Ele é o padrão da contextualização.

Nas palavras da autora, podemos entender a paixão de Paulo pelo método de Jesus: “Quando contemplamos a generosidade de Cristo para com os pobres e sofredores, Sua paciência para com os rudes e ignorantes, Sua abnegação e sacrifício, ficamos em estado de admiração e reverência. Que dádiva concedeu Deus ao ser humano, alienado Dele pelo pecado e pela desobediência! Bem podem as lágrimas fluir e o coração comover-se na contemplação desse amor inexprimível! *Cristo Se rebaixou ao nível da humanidade, para que pudesse alcançar o ser humano mergulhado nas profundezas da miséria e degradação, e erguê-lo para uma vida mais nobre*”¹²

Jesus é o exemplo mais esplêndido de identificação cultural na história da humanidade.¹³ Ao Se identificar conosco, Ele não perdeu Sua identidade. Ao Se mostrar relevante a nós, não Se diluiu em nossa natureza. Ele Se tornou humano sem deixar de ser Deus e nos envia no mesmo padrão encarnacional – identificação sem perda da identidade. “*Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio*” (Jo 17:18; 20:21). A contextualização crítica, bíblica, torna visível o Corpo invisível de Cristo – a igreja, e de forma apropriada nos faz entrar na cultura, desafiar a cultura e apelar aos ouvintes,¹⁴ assim como Paulo fez, ao seguir o exemplo amoroso e abnegado Dele.

Conclusão

Até que ponto estamos dispostos a adaptar nossas comodidades culturais, jargões denominacionais e estruturas a fim de criar uma cultura de diálogo com grupos que não possuem as mesmas convicções que nós? Temos criado uma atmosfera de amizade, confiança e graça para aqueles que duvidam e questionam, seja na congregação,

no pequeno grupo ou mesmo em nosso ministério? Pessoas não cristãs e mesmo de outras profissões de fé sentem-se atraídas por nós como os “pecadores” dos dias de Jesus se sentiam por Ele? Estamos, de forma consciente, descobrindo as pontes para “ganhar” e “salvar”, ou simplesmente seguindo modas teológicas que levam a algum tipo de sincretismo? Precisamos urgentemente retornar, reaprender os paradigmas bíblicos, conviver e conhecer realmente a comunidade ao nosso redor e contextualizar de forma equilibrada, mantendo a identidade e oferecendo relevância. **M**

Referências

- ¹ Ver voto 2015-129 da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre a definição de Centros de Influência, Espaço Novo Tempo e Trabalho com Grupos Específicos.
- ² David J. Bosch, *Missão Transformadora* (São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002), p. 503.
- ³ Barbara Helen Burns, *Contextualização Missionária* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2011), p. 57.
- ⁴ Bruce J. Nicholls, *Contextualização* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2013), p. 27.
- ⁵ Timothy Keller, *Igreja Centrada* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2015), p. 109.
- ⁶ Mark Shaw, *Lições de Mestre* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2004), p. 177.
- ⁷ Paul Hiebert, *Transformando Cosmovisões* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2016), p. 265.
- ⁸ Keller, p. 115.
- ⁹ Paul Hiebert, *O Evangelho e a Diversidade das Culturas* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1999), p. 189.
- ¹⁰ Para um estudo exegético e teológico desse texto, ver Daniel Rode, em *Pensar la Iglesia Hoy* (Libertador San Martín, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002), p. 333-349.
- ¹¹ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), p. 117, 118, 119.
- ¹² Ellen G. White, *Ministérios Para as Cidades* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 58.
- ¹³ John Stott, *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo* (São Paulo, SP: ABU Editora, 1998), p. 359.
- ¹⁴ Keller, p. 144.



Geraldo Beulke Júnior, doutorando em Teologia Pastoral (Unasp, EC), é pastor em Vila Velha, ES

A vidente de Endor

Luiz Gustavo Assis

Os israelitas estavam em guerra novamente. Dessa vez, as tropas de Saul se preparavam para enfrentar os poderosos filisteus. O local da batalha era o vale de Jezreel, uma área estratégica para controlar as importantes rotas de comércio da região. O povo de Israel montou seu acampamento no monte Gilboa, a poucos quilômetros do exército filisteu, em Suném (1Sm 28:4). A cena intimidou Saul (v. 5) e, para piorar, Deus não respondia a seus apelos por meio de sonhos, Urim ou dos profetas, modos legítimos de revelação nos tempos bíblicos (v. 6). Por recomendação de seus servos, o rei foi ao encontro de uma necromante na cidade de Endor (v. 7, 8), a moderna Khirbert es-Safsaf, aproximadamente sete quilômetros do monte Gilboa, e muito próxima do acampamento filisteu. Saul se disfarçou (v. 8) justamente para não correr o risco de ser identificado como líder dos israelitas. Ele estava entrando em terreno inimigo.

Esse é o pano de fundo da narrativa mais importante das Escrituras relacionada ao envolvimento de um israelita com a necromancia, a prática de buscar os mortos com o propósito de revelar o desconhecido ou prever o futuro.¹ Explicitamente condenada no Antigo Testamento (Lv 19:31, Dt 18:10-11 e Is 8:19), a necromancia é bem atestada no Antigo Oriente Médio, e os textos daquela região podem ajudar o leitor moderno a ter uma compreensão mais adequada do que ocorreu naquela noite em Endor.

A necromante

Em 1 Samuel 28:7, ela é chamada de *'ešet ba'alat' obh*, uma expressão que geralmente é traduzida como “uma mulher que invoca espíritos” (NVI) e “uma mulher que seja médium” (ARA). A personagem era uma intermediária entre os vivos e os mortos; não uma bruxa, como é costumeiramente apresentada, mas uma necromante. No entanto, a descrição do versículo 7 pode ser também traduzida como “uma mulher [que serve] a senhora dos espíritos *'obh*.” Essa “senhora” provavelmente seja *Shapshu*, uma deusa solar do panteão da cidade de Ugarite, atual Ras Shamra, na Síria.² Os textos de Ugarite são de extrema importância para entender a religião cananita no período bíblico. Neles, *Shapshu* é descrita em textos mitológicos e religiosos como alguém capaz de trazer o espírito dos mortos do submundo para o mundo dos vivos durante a noite. É possível que essa deusa fosse um tipo de “padroeira” da necromante de Endor. Isso também poderia explicar o motivo do rei e de seus servos terem ido consultá-la à noite (v. 8, 20, 25). Invocar os mortos durante a noite também era uma prática confirmada por textos de Ugarite e dos Hititas, uma importante civilização que governou parte do Antigo Oriente Médio durante o 2º milênio a.C.

O fato de Saul ter evitado alimentos durante o dia (v. 20) parece indicar um certo requisito para aquele ritual de necromancia. O objetivo? Assegurar a liderança “divina” para a ocasião. Um exemplo

da importância do jejum no contexto de consulta a uma divindade no Antigo Oriente pode ser visto em 2 Crônicas 20, em que o rei Josafá reúne toda a nação e proclama um jejum nacional com o objetivo de buscar ao Senhor (v. 3, 4). Os termos hebraicos utilizados nesses versos para essa “busca” a Yahweh, *baqash* e *darash* (v. 3, 4) são os mesmos usados em 1 Samuel 28:7. Portanto, parece não ter sido mera coincidência o jejum de Saul nessa situação.

O ritual

A terminologia usada no diálogo entre o monarca israelita e a necromante apresenta muitas pistas que explicam as crenças dessa mulher. A palavra “espírito” no versículo 8 é o termo hebraico *'obh*, que provavelmente é emprestado da língua hitita (*api*) e que também é encontrado em documentos sumerianos, acadianos e ugaríticos. Seu significado básico nessas línguas é “fossa/poço para sacrifício”.³ Existem alguns exemplos em textos encontrados nas terras bíblicas onde fossas ou poços eram usados para rituais de necromancia. O exemplo mais antigo é o conto “Gilgamesh, Enkidu e o Submundo”, produzido na cidade de Nippur, no sul da Mesopotâmia, atual Iraque. Nessa história, o amigo de Gilgamesh, Enkidu, volta do mundo dos mortos através de um buraco cavado no chão.⁴

Alguns textos hititas também descrevem rituais de necromancia nos quais se utilizam poços no chão. Nesses relatos,

uma “mulher velha”, em hitita *haššawa*, realiza uma cerimônia noturna na presença de vários religiosos, incluindo exorcistas, sacerdotes e médicos. Nos poços, também chamados de “fossas para sacrifício”, era colocado sangue de vários animais, entre eles porco, cachorro, aves e cordeiro. Além do sangue, uma mistura de azeite, mel, queijo, leite, vinho e cerveja era oferecida como libação às divindades do submundo. Todos esses elementos eram despejados dentro da fossa. Curiosamente, outros dois objetos eram colocados ali: uma orelha de prata, símbolo do desejo dos adoradores de ouvir a mensagem do submundo, e uma pequena escada de prata, simbolizando a vontade dos adoradores de que o espírito requerido saísse do poço.⁵ O último exemplo vem de Ugarite, onde no conto de Aqhat (2Aqht I, linhas 26-29), o “espírito de um poço” é mencionado.

Por causa dessas informações, creio que a primeira parte do versículo 8 deva ser lida “invoque para mim através de um poço/fossa de sacrifício”, ao invés de “invoque um espírito para mim”. A segunda parte do mesmo texto concorda com essa proposta quando diz “fazendo subir aquele cujo nome eu disser” (ARA). A presença do verbo hebraico *‘alah*, “subir”, faz sentido se *‘obh* for um poço/fossa de sacrifício, como descrito no parágrafo anterior.

A necromante descreveu seu transe no versículo 13 com as palavras: “vejo deuses que sobem da terra”. A Almeida Revista e Corrigida traduziu corretamente do original, ao contrário das outras traduções consultadas, que traduziram o sujeito da frase no singular: “um deus que sobe da terra”. Esse é um detalhe importante numa leitura atenta do texto. A mulher está vendo “*deuses que sobem da terra*” (v. 13), plural, mas Saul quer saber “qual é a *aparência dele*” (v. 14), singular. Temendo por sua própria vida (v. 8-12), a mulher aproveitou o intenso desejo de Saul para falar com Samuel e disse o que ele gostaria de ouvir, “um ancião [...] envolto numa capa” (v. 14), uma descrição extremamente vaga.



Um olhar mais profundo sobre a experiência de Saul em 1 Samuel 28

O substantivo hebraico *'Elohim* (v. 13), Deus ou deuses, dependendo do contexto, também demonstra a familiaridade do autor bíblico com o pano de fundo religioso do Antigo Oriente. Nos textos da Mesopotâmia, por exemplo, a palavra “fantasma” é precedida pelo sinal utilizado para identificar divindades (*dingir*) e, às vezes, o substantivo “deuses” é usado para se referir aos “mortos”. Esse mesmo conceito era conhecido em Canaã, onde os mortos eram aparentemente adorados como deuses (cf. Nm 25:2; SI 106:28).

Apesar de os textos religiosos dos vizinhos de Israel relatarem em detalhes o processo de invocação de um espírito, na descrição de 1 Samuel 28 não há encantamentos ou feitiços recitados pela mulher durante o ritual, provavelmente devido à natureza pagã deles. O único vislumbre disso no relato bíblico é o uso do verbo hebraico *qara'*, “chamar”, usado para descrever a invocação de Samuel (v. 15). Essa é a mesma raiz verbal usada em textosugaríticos para detalhar a invocação dos mortos.

No fim da cerimônia, a mulher sacrificou (*zabah*) um bezerro e pediu que Saul o comesse (v. 24). Em textosugaríticos e hititas, sacrifícios eram feitos antes da manifestação de um espírito, a fim de convidá-lo para a reunião necromântica. Aqui o sacrifício foi feito no fim do ritual. Qual o motivo? Um texto acadiano da cidade de Nínive (K 2779) tem instruções de como fazer sacrifícios após um ritual de consulta aos mortos. Eles deveriam ser feitos ao deus do submundo na Mesopotâmia, *Shamash*, e para o morto consultado, a fim de proteger o ofertante de consequências mortais após o contato com aquele espírito.⁶ Contudo, para Saul, a “função protetora” do sacrifício em Endor foi ineficaz. No dia seguinte, quando a batalha contra os filisteus estava chegando a um fim trágico para Israel, ele cometeu suicídio, e três de seus filhos foram mortos no monte Gilboa, no vale de Jezreel (1Sm 31:2-6). O rei não foi protegido das consequências mortais para aqueles que decidem consultar médiuns e feitiçeiros e não Yahweh (cf. Is 8:19).

As evidências apresentadas acima sugerem que o autor de 1 Samuel estava familiarizado com a terminologia e os procedimentos usados nos rituais de necromancia do Antigo Oriente. No entanto, uma pergunta deve ser respondida: Samuel realmente foi trazido do mundo dos mortos pela necromante? A resposta é um enfático não. É muito claro no versículo 6 que Deus não estava se comunicando com Saul. O que aconteceu em Endor não teve a aprovação divina. Além disso, a Bíblia ensina que a morte é um período de total inconsciência (Ec 9:5-6, 10). Um detalhe importante da história em discussão é que o rei não viu o suposto espírito de Samuel, apenas a necromante o viu (v. 13, 14). Como dissemos, a descrição da mulher foi muito vaga: um ancião vestindo um manto (v. 14). Essas características levaram Saul a reconhecer (*yada*) que “Samuel” fora trazido de volta (v. 14). Não houve identificação visual, apenas um diálogo entre os dois.

Conclusão

Pode causar desconforto ao leitor da Bíblia o fato de o texto claramente dizer “Samuel” ao referir-se a esse espírito. Entretanto, é importante lembrar que as histórias bíblicas são narradas muitas vezes do ponto de vista dos personagens envolvidos. Para a necromante, e especialmente para Saul, aquela entidade era o falecido profeta Samuel. Contudo, à luz de outras porções das Escrituras, sabemos que isso não é possível. Ao contrário da crença dos povos vizinhos de Israel, que faziam diferenciação entre alma e corpo, o ensino bíblico é muito simples: não há separação entre esses dois elementos. As 754 ocorrências da palavra hebraica *nepshesh*, traduzida como “alma” em algumas passagens do Antigo Testamento, nunca carregam o significado de uma entidade separada do corpo, capaz de viver quando este não existe mais.⁷ Se o profeta Samuel não foi trazido da morte por esse ritual de necromancia, a melhor explicação para o

que ocorreu em Endor é chamar aquele incidente de uma manifestação demoníaca para ludibriar Saul. Se o monarca israelita foi até a necromante em busca de orientação divina, o que ele encontrou foi mais desespero diante do exército filisteu. O rei de Israel saiu do pequeno vilarejo de Endor sem esperança nenhuma. Se Satanás pode se disfarçar como anjo de luz (2Co 11:14), um de seus demônios poderia fazer o mesmo, fingindo ser o profeta Samuel. **■**

Referências

- ¹ Erika Bourguignon, “Necromancy”, em *The Encyclopedia of Religion*, ed. M. Eliade (Nova York: Macmillan, 1987), 10:345-347; Brian B. Schmidt, *Israel's Beneficent Dead: Ancestor Cult and Necromancy in Ancient Israel Religion and Tradition* (Winona Lake: Eisenbrauns, 1994), p. 154.
- ² Esther J. Hamori, *Women's Divination in Biblical Literature: Prophecy, Necromancy and Other Arts of Knowledge* (New Haven, CT: Yale University Press, 2015), p. 106; David T. Tsumura, *The First Book of Samuel* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007), p. 631.
- ³ Harry A. Hoffner, “Second Millennium Antecedents to the Hebrew 'Ob’”, *Journal of Biblical Literature*, v. 86, n. 4 (1967), p. 385-393.
- ⁴ Benjamin Foster, *The Epic of Gilgamesh* (Nova York: W. W. Norton and Company, 2001), p. 138.
- ⁵ Billie Jean Collins, “Necromancy, Fertility and the Dark Earth: The Use of Ritual Pits in Hittite Cult”, em *Magic and Ritual in the Ancient World*, eds. Paul Mirecki e Marvin Meyer (Leiden: Brill, 2002), p. 224-242.
- ⁶ Benjamin R. Foster, *Before the Muses: An Anthology of Akkadian Literature* (Bethesda, MD: CDL Press, 1996), 2:637-638.
- ⁷ William Dyrness, *Themes in Old Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1979), p. 85: “Seres humanos vivem como almas, eles não ‘possuem’ almas.” Ellis R. Brotzman, *The Plurality of 'Soul' in the Old Testament with Special Attention Given to the Use of Nepesh* (tese de doutorado, New York University, 1987), p. 222: “A ênfase do texto [Gn 2:7] é sobre o homem como um *nepshesh*, uma criatura, uma unidade. A ideia desse texto, e do Antigo Testamento inteiro, é completamente oposta à noção grega da ‘alma aprisionada’ no corpo, e à ideia expressa em algumas divisões do pensamento protestante, que ensinam que o caminho para justiça é encontrado ao subjugar o corpo e exaltar ‘a parte mais elevada do homem’. O termo *nepshesh* descreve o ser humano como um todo.”



Luiz Gustavo Assis é mestre em Arqueologia do Antigo Oriente Médio pela Trinity Evangelical Divinity School, Estados Unidos

Mais do que um símbolo

A pessoa e a obra de Cristo manifestas no Antigo Testamento

Karl Boskamp

“Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3:16). Esse versículo resume um princípio de interpretação denominado *Tota Scriptura*, que destaca o valor de todos os livros que integram as Sagradas Escrituras e refuta a ideia de conceder graus de inspiração entre eles ou de estabelecer

um “canon” dentro do Canon. Toda a Bíblia, e não somente uma parte dela, é inspirada por Deus. Esse preceito, juntamente com o da *Sola Scriptura*, sempre esteve no centro do desenvolvimento doutrinário adventista, e constitui uma premissa indispensável para a correta compreensão do Texto Sagrado.¹



Apesar disso, nem sempre é fácil integrá-lo à *práxis* da vida cristã. Há um problema que ressurge de vez em quando: Que utilidade tem o Antigo Testamento (AT) para os cristãos?

Uma visão distorcida

Certa vez, um grupo de jovens me mostrou uma Bíblia. Percebi que ela era mais fina do que as que eu conhecia, não porque suas letras fossem menores, mas simplesmente porque era uma versão incompleta. Continha somente o Novo Testamento (NT) e o livro de Salmos. Muitos cristãos defendem que apenas o NT é suficiente para pregar o evangelho e apresentar a doutrina cristã. Consideram o AT ultrapassado, abolido e têm pouco interesse em examinar suas páginas. Assim, abrem mão dele. O problema se agrava ainda mais quando se aceita certa dicotomia entre as descrições de Deus presentes em ambos os Testamentos. Em um deles, um Senhor irado e justiceiro. No outro, um Pai amoroso e perdoador. No segundo século depois de Cristo, um cristão de origem grega já havia enfatizado essa distinção. Marcião rejeitou todo o AT e os livros do NT que se vinculavam mais diretamente a este. Tirar o AT da Bíblia é uma postura radical, porém, não é a única maneira na qual se manifesta o problema.

Quando aceitei a fé cristã, com minha mãe, lembro-me de como ela se esforçava todos os anos para fazer seu ano bíblico. No entanto, logo desanimava após chegar ao livro de Levítico ou, no melhor dos casos, ao primeiro livro de Crônicas. A luta que minha mãe enfrentava é a mesma que muitos cristãos experimentam atualmente. Eles aceitam o AT como Palavra de Deus, mas acham-no complicado e enfadonho. Para resolver esse problema, recorrem a uma leitura seletiva, ou seja, leem somente aquilo que julgam agradável ou interessante.

Trabalhei por algum tempo no Ministério Jovem. Certa ocasião, alguém fez a proposta de um novo modelo de ano bíblico para os estudantes em nossas escolas. Era uma versão resumida e, o “promotor”, ao fazer o lançamento do projeto, enfatizou que os alunos certamente iriam apreciar, pois, todas as partes maçantes da Bíblia haviam sido tiradas!

A leitura seletiva das Escrituras não é uma proposta de todo errada. Ela é uma

A leitura seletiva das Escrituras não é uma proposta de todo errada. Ela é uma excelente opção para quem está começando a estudar a Bíblia. O problema é quando isso se prolonga por toda a vida, e piora quando se torna normativo.

excelente opção para quem está começando a estudar a Bíblia. O problema é quando isso se prolonga por toda a vida, e piora quando se torna normativo.

A partir dessas considerações, nota-se a dificuldade que muitos cristãos enfrentam em relação ao AT. No entanto, sua compreensão é fundamental para a doutrina e a missão da igreja.

A hermenêutica de Jesus

Ao longo do Seu ministério, Cristo constantemente dirigiu Seus ouvintes às

verdades expostas no AT. Respondeu às tentações com um “está escrito”, e aproveitou cada oportunidade para recordar algo do que estava na Bíblia Hebraica. Contudo, não se limitou somente a isso. Ele declarou que era o cumprimento das Escrituras, de modo que elas davam testemunho Dele (Jo 5:39). Foi devido a essa regra hermenêutica que Jesus pôde dizer um sábado, na sinagoga, após ler Isaías 61:1 e 2: “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4:21). Do mesmo modo, assegurou com convicção que Abraão viu o Seu dia (Jo 8:56) e que Moisés escreveu a respeito Dele (Jo 5:46, 47). Após toda a consternação sofrida na cruz, Jesus disse a dois discípulos no caminho para Emaús: “Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na Sua glória? E, começando por Moisés, *discorrendo por todos os profetas*, expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24:26, 27, grifos acrescentados). Em outra ocasião, voltou a reiterar: “São estas as palavras que Eu vos falei, estando ainda convosco: importava que se cumprisse tudo o que de Mim *está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos*” (Lc 24:44, grifos acrescentados). Ambas as referências aludem à totalidade do AT, tal como havia sido preservado no canon judaico.²

Desse modo, é possível afirmar que o AT possui muitos símbolos e profecias que revelam antecipadamente a vida e obra de Jesus. No entanto, Cristo não aparece no AT somente como uma figura ou promessa de alguém que viria à Terra.

Mais do que um símbolo

A preexistência de Jesus é um ensinamento básico da doutrina cristã.³ Entretanto, em determinadas ocasiões, parece que tal ensino foi compreendido como se fosse uma mera abstração teológica, e que essa preexistência situava o Filho de Deus no Céu, separado da realidade

humana, aguardando o momento para entrar na história somente a partir de Seu nascimento. Nada é mais distante da realidade!

Quando Paulo falou da peregrinação de Israel no deserto, afirmou que os israelitas “bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo” (1Co 10:4). Pedro declarou que aos profetas foram revelados pormenores da vida de Jesus, pois o próprio “Espírito de Cristo, neles estava” (1Pe 1:10-12).

“Em todas estas revelações da presença divina, a glória de Deus se manifestava por meio de Cristo. Não somente por ocasião do advento do Salvador, mas através de todos os séculos após a queda e promessa de redenção, ‘Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo’ (2Co 5:19). Cristo era o fundamento e centro do sistema sacrificial, tanto da era patriarcal como da judaica. Desde o pecado de nossos primeiros pais, não tem havido comunicação direta entre Deus e o homem. O Pai entregou o mundo nas mãos de Cristo, para que por Sua obra mediadora remisse o homem, e reivindicasse a autoridade e santidade da lei de Deus.”⁴

“Desde o pecado de Adão, a raça humana estivera destituída da comunhão direta com Deus. A comunicação entre o Céu e a Terra era feita por meio de Cristo; mas agora que Jesus viera ‘em semelhança da carne do pecado’ (Rm 8:3), o próprio Pai falou. Antes, Ele tinha Se comunicado com a humanidade por intermédio de Cristo; agora fazia-o em Cristo.”⁵

“Todo raio de luz divina que já atingiu o nosso mundo decaído, foi comunicado por meio de Cristo. É Ele que tem falado por intermédio de todos os que, em todos os tempos, têm declarado a Palavra de Deus ao homem. Toda a excelência manifestada nas maiores e mais nobres almas da Terra, era reflexo Dele.”⁶

Essas citações rompem com qualquer dicotomia entre o Deus do AT e o do NT, lei e graça, antigo e novo pacto. Desde que o ser humano caiu em pecado, foi Cristo, a segunda pessoa da Divindade, quem Se ofereceu como mediador entre Deus, o Pai, e a humanidade condenada. A mesma voz que ensinou por meio de parábolas junto ao mar da Galileia, é a voz que falou “muitas vezes e de muitas maneiras” por intermédio dos profetas que escreveram os livros

“Em todas estas revelações da presença divina, a glória de Deus se manifestava por meio de Cristo. Não somente por ocasião do advento do Salvador, mas através de todos os séculos após a queda e promessa de redenção, ‘Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo’ (2Co 5:19).”

do AT. Jesus esteve constantemente ativo e presente na história de Seu povo. Muitos puderam contemplá-Lo visivelmente como o Anjo do Senhor,⁷ Miguel ou outra teofania. Cada vez que estudamos o AT temos a possibilidade de escutar a mesma vozterna do nosso Salvador. Podemos compreender como Ele cuidou do Seu povo ao longo de todas as épocas, valorizar a santidade da Sua lei, a gravidade do pecado e o enorme preço que custou nossa salvação.

Os 66 livros que compõem a Bíblia chegaram às nossas mãos manchados com o sangue dos profetas, apóstolos e mártires que durante séculos entregaram sua vida para registrar e preservar aquilo que temos herdado. Deus, em Sua providência, deixou-nos esse legado escrito como um registro fidedigno de Sua verdade. Temos a sagrada responsabilidade de esquadrihar “todas” as Escrituras, já que nelas encontramos a única salvaguarda para os tempos difíceis que ainda virão. A compreensão de toda verdade revelada na Palavra de Deus requer esforço e dedicação, mas, principalmente, a iluminação do Espírito Santo.

Portanto, o AT e o NT são duas janelas que mostram duas perspectivas diferentes da mesma paisagem: Cristo e Sua obra. **■**

Referências

¹ Richard M. Davidson, “Interpretación bíblica”, *Tratado de Teología Adventista Del Séptimo Día* (ACES, 2009), p. 68-79; Frank M. Hasel, “Presuposiciones en la interpretación de las Sagradas Escrituras”, *Entender las Sagradas Escrituras*, ed. George W. Reid (ACES, 2010), p. 33-57.

² Divisões do canon hebraico: *Torah* (Lei), *Nebi'im* (Profetas) e *Ketubim* (Escritos). O livro de Salmos era o primeiro e principal da terceira seção, por isso nomeava toda ela.

³ Mq 5:2; Jo 1:1; 8:58; Cl 1:15-17.

⁴ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 366.

⁵ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 116.

⁶ Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 73.

⁷ Vários comentaristas têm identificado esse Ser como o Cristo pré-encarnado (Gn 18; 32:24, 30; Êx 3; 23:20, 21; 32:34; 33:14; Js 5:13-15; Jz 13; Dn 3:25; 10:1-9; Zc 3:1,2; Ml 3:1).



Cortezia do autor

Karl Boskamp, formado em Teologia (UAP), é professor na Universidad Adventista del Plata

A segunda **besta**

O desenvolvimento da compreensão adventista a respeito de Apocalipse 13:11

Márcio Costa

Se você for a um dos Centros de Pesquisa Adventista espalhados pelo mundo, seguramente verá desenhos, pinturas ou até mesmo peças de gesso que representam feras com chifres, cabeças ou asas nas formas mais assustadoras possíveis. Essas imagens estão descritas no livro de Daniel e Apocalipse e ilustram os poderes geopolíticos apresentados nas profecias, a fim de ajudar o observador a ter uma dimensão daquilo que o profeta visualizou.

As bestas em profecias geralmente estão relacionadas com a perseguição daqueles que seguem a Deus. Elas trabalham em associação com o dragão (Satanás) e “pelejam contra os santos” ou forçam a adoração a ele. A partir de 1843, o milerismo, movimento iniciado por Guilherme Miller que está na gênese da Igreja Adventista do Sétimo Dia, passou a usar painéis gráficos para apresentar sua compreensão escatológica. Em 1850, esse recurso, avançado para a época, foi utilizado pelos adventistas sabatistas e, posteriormente, também pelos adventistas do sétimo dia, em 1863.

Um detalhe que chama atenção é que a besta de dois chifres que emergiu da terra (cf. Ap 13:11) não aparece nos gráficos mileritas. Conforme intérpretes do movimento, essa profecia havia sido recentemente cumprida. De acordo com a compreensão deles, o animal simbolizava Napoleão Bonaparte e, os dois chifres, a França e a Itália. Essa conclusão foi publicada por Josué Himes, pioneiro milerita, que propôs que a besta era um símbolo do sistema de governo europeu, naquele tempo dominado pelo imperador francês.¹

Da Europa para a América do Norte

Entretanto, a partir de setembro de 1850, os adventistas sabatistas provenientes do milerismo passaram a rejeitar as ideias de Himes. Ao estudar o assunto de Babilônia em Apocalipse 17:1, 5 e 15, eles chegaram a um novo entendimento. Os pesquisadores viam na segunda besta uma combinação entre a Igreja e o Estado. Abandonando a proposta de Himes, Hiram Edson, um dos pioneiros sabatistas, chegou a declarar que “é certo que essa besta de dois chifres não se aplica ao reino de Bonaparte”. Ele foi mais além, indicando que o animal simbolizaria “Roma Protestante” e, ao mesmo tempo, a sétima cabeça da besta que emergiu do mar. Ao finalizar, também sugeriu que “os dois chifres são os poderes civil e eclesiástico”.²

Em maio de 1851, John Andrews fez uma análise bem mais detalhada sobre as propostas de Hiram Edson e expandiu ainda mais a compreensão sabatista acerca da besta de Apocalipse 13:11. “Nós entendemos, então, essa besta de dois chifres como o símbolo do poder civil e religioso, que é diferente em muitos aspectos daqueles [poderes] que o precederam.” Até esse ponto, os dois estudiosos concordavam. Entretanto, Andrews não estava convencido de que a besta seria Roma Protestante. Em seu estudo, ele também analisou criteriosamente os poderes conhecidos até seus dias. De forma cautelosa, chegou a argumentar que os Estados Unidos da América preenchem todos os requisitos da besta; contudo, não afirmou isso categoricamente.³

Em 1851, José Bates, ao contrário de Andrews, não se intimidou em apresentar suas conclusões com relação à besta de dois chifres. Ele também era um estudioso das profecias e havia proposto, em 1847, que o selo de Deus e a marca da besta estavam ligados à adoração no sétimo e primeiro dia da semana, respectivamente. Bates e Otis Nichols, o responsável pela publicação do gráfico de 1850, vinham debatendo o assunto há algum tempo e, após verificar os argumentos de Andrews, Bates afirmou que a besta de Apocalipse 13:11 era os Estados Unidos da América.⁴

Na sequência, John Loughborough fez novas propostas que acenderam um intenso debate nas páginas da *Review and Herald*, periódico oficial dos adventistas sabatistas. Em abril de 1854, ele publicou um livreto de 52 páginas com afirmações bem mais refinadas sobre o assunto, confirmando as evidências de Andrews.⁵

Finalmente, John Andrews revisou e expandiu sua pesquisa anterior e, dessa vez, concluiu o pensamento que havia lançado em 1851. Em abril de 1855, ele afirmou que “o único governo civil entre todos que já existiram, exibindo a aparência semelhante à de cordeiro, conforme o símbolo, são os Estados Unidos”.⁶

Os Estados Unidos na profecia

A propagação desse novo entendimento passou a ser enfatizada nos periódicos e nas pregações sabatistas. Urias Smith, que foi editor da *Review and Herald* por cerca de 50 anos e se destacou por seus estudos em escatologia, considerou, em dezembro de 1856, que tal interpretação da besta de dois chifres era consistente. A partir daí, começaram as projeções acerca das possíveis decisões do governo norte-americano que afetariam os adventistas sabatistas. Nas campanhas evangelísticas, pregadores públicos como C. W. Sperry e H. G. Buck reportaram que, em seus sermões, a “argumentação durava o dia inteiro, tratando dos desafios dos últimos dias e da paciência dos santos”. A compreensão a respeito da besta de dois chifres rapidamente se tornou o assunto central entre os sabatistas em seus encontros, evangelismos e publicações.⁷

Para entender melhor a razão do impacto desse assunto, devemos nos lembrar de que a Primeira Emenda da Constituição norte-americana afirma que “o Congresso não fará nenhuma lei no sentido de estabelecer uma religião, ou proibindo seu livre exercício”. Ainda hoje esse texto é muito utilizado na defesa de uma rígida separação entre Igreja e Estado e na alegação de que as atividades de ambas devem ser limitadas à sua respectiva esfera. Thomas Jefferson, um dos “pais fundadores” dos Estados Unidos, afirmou em sua carta aos batistas de Danbury, Connecticut: “Eu contemplo com soberana reverência aquela emenda de todo o povo americano, a qual declara que sua legislação não deverá fazer ‘nenhuma lei no sentido de estabelecer uma religião, ou proibindo seu livre exercício’, desse modo, construindo um muro de separação entre Igreja e Estado.”⁸

Por conta da ênfase na distinção dessas duas instituições, a interpretação adventista da besta de Apocalipse 13:11 tornou-se um ponto escatológico tão conhecido que

gerou grande interesse dentro da própria denominação. Com o tempo, surgiram departamentos de Liberdade Religiosa, revistas temáticas, associações e, até mesmo, interlocutores entre a igreja e o governo. Tudo isso em favor da manutenção do livre exercício da fé, embora o prognóstico seja muito negativo.

No futuro, espera-se que a pressão política nos Estados Unidos leve à aprovação de leis federais que sejam abertamente inconstitucionais. Estima-se que ocorrerá um movimento religioso-político em que os representantes populares, interessados apenas em benefícios e notoriedade, cedam ao erro de outorgar regras persecutórias. Eles instituirão a obrigatoriedade de observância do primeiro dia da semana, que constituirá a “marca da besta” (cf. Ap 13:16, 17).

A interpretação de Ellen White

Ellen White, por sua vez, manteve uma postura distinta em meio a todo o calor da descoberta e da reação dos adventistas sabatistas. Ela estava a par do debate que agitou o grupo em meados de 1850, mas preferiu não ser tão direta em suas conclusões. Em 1861, em um de seus primeiros comentários sobre a besta de dois chifres, a escritora contrastou os adoradores de Deus com os da besta. Também enfatizou que o nome Adventista do Sétimo Dia naturalmente elevava-se como um repúdio à falsa adoração.⁹

No relato (sem data) de sua visão a respeito da besta de dois chifres, Ellen White estava muito mais preocupada com as interferências da besta no trabalho evangelístico que ainda necessitava ser feito do que propriamente com o significado do símbolo. Ela não citou o nome do país nem do sistema de governo, deixou de lado toda a análise histórica dos demais pioneiros e preocupou-se com a legislação religiosa que será imposta.

Por fim, em 1884, a autora citou nominalmente os Estados Unidos como a besta de dois chifres. Em sua análise, o poder que a nação recebe vem da existência simultânea do Estado e da Igreja. Para ela, nem a Igreja nem o Estado sozinhos seriam suficientes para o empoderamento da besta. Desse modo, ambas as instituições necessitam ser controladas por Satanás, a fim de que ele consiga impor a tribulação que pretende provocar. Assim, o mal que sobrevirá não será fruto do governo americano em sua forma estabelecida, mas em sua forma corrompida pelo inimigo. Uma legislação religiosa “seria abertamente contrária aos princípios deste governo, ao espírito de suas instituições livres, às afirmações infofismáveis e solenes da Declaração da Independência, e à Constituição”. Dentro dos princípios de estabelecimento do governo norte-americano, isso seria inaceitável.¹⁰

De acordo com a escatologia adventista, as ações inconsistentes dos Estados Unidos trarão consequências aos membros da denominação espalhados ao redor do mundo. Além da perseguição interna, Ellen White afirmou que outros países seguirão o exemplo norte-americano e se levantarão para aprovar leis que restringirão a liberdade religiosa. Apesar do prognóstico desfavorável, os adventistas do sétimo dia defenderão o sábado bíblico. Para ela, “uma grande crise aguarda o povo de Deus”.¹¹

Em suma, ao observar uma ilustração da besta de dois chifres de Apocalipse 13:11, devemos ser levados a ponderar a respeito da perda da liberdade religiosa e da perseguição que decorrerá disso. Precisamos considerar que as leis religiosas a ser impostas nos Estados Unidos serão adotadas por outras nações, afetando mundialmente “os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12). O tempo urge por engajamento diligente na fé e na missão da igreja,

a fim de que, ao nos depararmos com o cumprimento da profecia, possamos reconhecer os sinais dos tempos, conforme nos alertam as bestas e os diagramas expostos nos Centros de Pesquisa Adventista. **M**

Referências

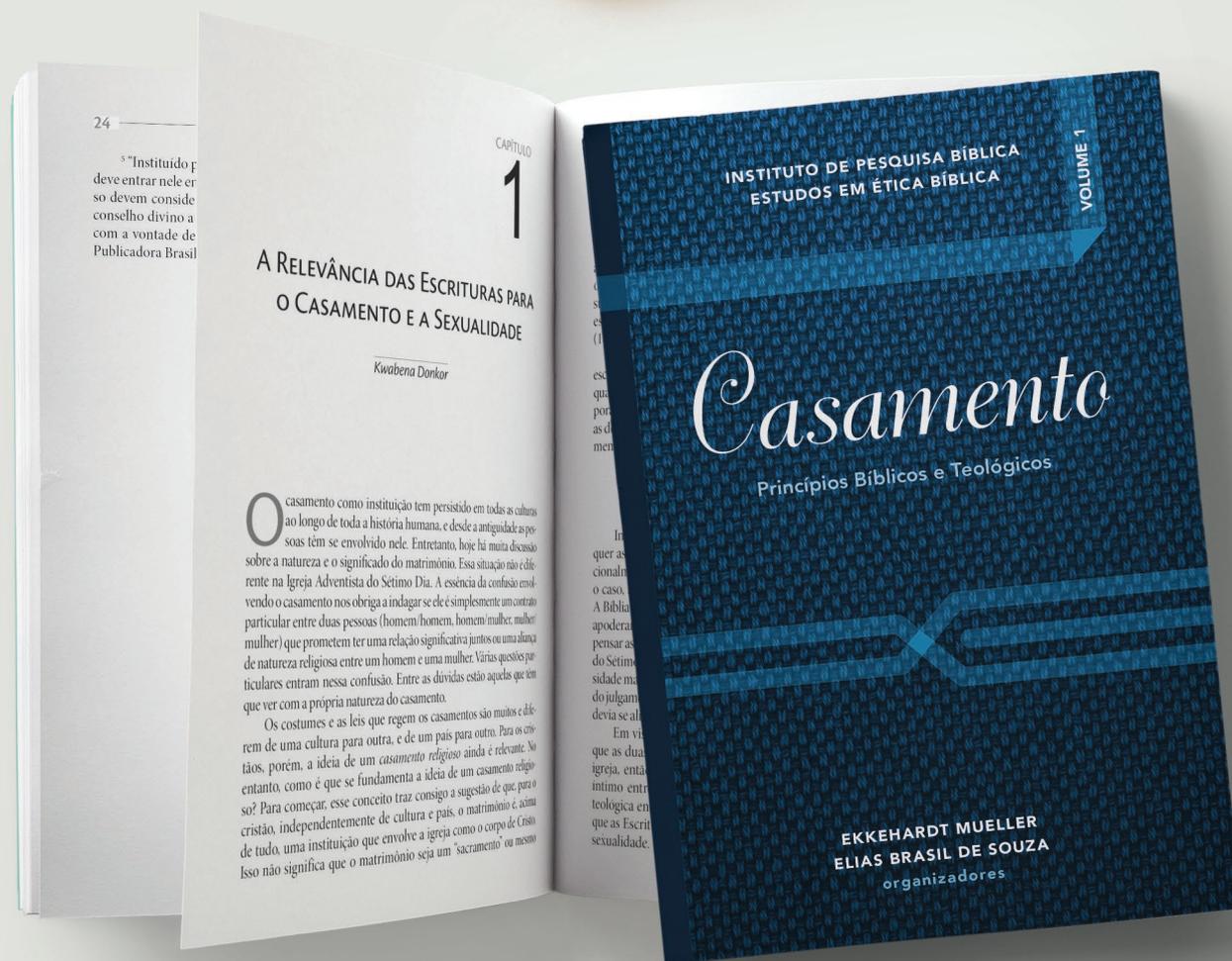
- ¹ Joshua V. Himes, “Watchmen! Give Them Warning from Me!”, *Signs of the Times*, 21/2/1844, p. 15. Ver também LeRoy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation*, (Washington, D.C.: Review and Herald, 1946-54), v. 4, p. 850.
- ² Hiram Edson, “The Third Angel’s Message”, *Review and Herald*, Extra, setembro de 1850, p. 9.
- ³ J. N. Andrews, “Thoughts on Revelation 13 and 14”, *Review and Herald*, 19/5/1851, p. 84.
- ⁴ Joseph Bates, “The Beast with Seven Heads”, *Review and Herald*, 5/8/1851, p. 4; O. Nichols, “From Bro. Nichols”, *Review and Herald*, 2/9/1851, p. 22.
- ⁵ H. C. S. Caurus, “From Bro. Caurus”, *Review and Herald*, 18/10/1853, p. 120; J. B. Frisbie, “From Bro. Frisbie”, *Review and Herald*, 8/11/1853, p. 142; John N. Loughborough, *The Two-Horned Beast, the United States* (Rochester, NY: Review and Herald, 1854); T. M. Steward, “From Bro. Steward”, *Review and Herald*, 15/8/1854, p. 6; James White, “New Tracts”, *Review and Herald*, 4/4/1854, p. 88.
- ⁶ J. N. Andrews, “Three Angels of Revelation”, *Review and Herald*, 3/4/1855, p. 202. Roswell F. Cottrell também contribuiu com essa discussão. R. F. Cottrell, “Speaking of the Image”, *Review and Herald*, 12/12/1854, p. 134.
- ⁷ Uriah Smith, “One Year Ago”, *Review and Herald*, 11/12/1856, p. 44; *ibid.*, “The Two-Horned Beast, and How He Has ‘Come up’”, *Review and Herald*, 28/8/1856, p. 136; *ibid.*, “The Two Horned Beast”, *Review and Herald*, 12/3/1857, p. 148; C. W. Sperry e H. G. Buck, “Tent Meetings in Jamaica, Vt.”, *Review and Herald*, 25/9/1856, p. 165; Moses Hull, “Extract from Letters”, *Review and Herald*, 25/9/1860, p. 15.
- ⁸ Thomas Jefferson, “Jefferson’s Letter to the Danbury Baptists”, *The Library of Congress Information Bulletin*, junho de 1998.
- ⁹ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 1, p. 223.
- ¹⁰ Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 442.
- ¹¹ Ellen G. White, *Eventos Finais* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 144.



Cortesia do autor

Márcio Costa, doutor em Teologia Histórica (Andrews University), é professor do Seminário de Teologia do Instituto Adventista Paranaense

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



CASAMENTO FELIZ?



“O amor que flui da essência de Deus é verdade, graça, bondade, perdão, humildade, compaixão, compreensão e muito mais – e é incondicional. Esse é o tipo de amor que Deus pretendia ao conceder o dom do casamento à família humana” (p. 22).



Aprenda com as ovelhas

Lições do rebanho para pastores que desejam ser bem-sucedidos

Abdoval Cavalcanti



Durante minha infância e parte da adolescência, ajudei minha família a cuidar de lavouras e animais na zona rural do município onde morávamos. Por alguns anos, auxiliiei meu irmão mais velho a tomar conta de um pequeno rebanho de ovelhas. Foi uma boa experiência tratar desses animais, pois, anos depois, isso me ajudaria a entender princípios de liderança que seriam muito úteis no exercício de meu ministério pastoral. Nunca imaginei que pudesse passar de pastor de ovelhas a pastor de pessoas na Igreja Adventista. No entanto, Deus me conduziu nessa direção. Atualmente, vejo que as experiências simples do campo me ajudam muito em minha preparação para enfrentar os desafios que existem na liderança da igreja local.

Cuidar de ovelhas era uma atividade que, apesar de simples, tinha implicações complexas. Fazia-se necessário conhecer bem seus hábitos alimentares, de sono, de convívio em grupo, entre outros. Para Moisés, pastorear ovelhas foi de grande importância, pois, assim, ele “aprendeu a ser para Israel um cuidadoso pastor”¹. Sobre o

tempo que Moisés dedicou aos rebanhos em Midiã, Ellen White diz que ele necessitava de uma experiência em diversos deveres mais humildes para se tornar um cuidador. “Ao pastorear as ovelhas de Jetro, sua atenção foi atraída às ovelhas e aos cordeirinhos, e aprendeu a guardar essas criaturas de Deus com mais afetuoso cuidado.”²

Quero destacar algumas características de um rebanho de ovelhas, dando ênfase nas formas de manifestação de comportamento e, com isso, apresentar a razão pela qual Jesus relaciona a liderança cristã ao pastoreio.

As ovelhas andam em rebanho. Elas necessitam andar em grupo, pois essa é uma atitude instintiva de autoproteção. Assim, sentem-se mais seguras diante de possíveis ataques de animais ferozes.

A vida em comunidade na igreja expressa por meio das reuniões semanais, das unidades da Escola Sabatina e dos pequenos grupos é essencial para que os membros se sintam bem e animados. Dificilmente, eles poderão crescer espiritualmente no

isolamento, sem a companhia dos amigos e irmãos de fé que, geralmente, passam pelos mesmos desafios.

As ovelhas obedecem a uma ovelha mais velha. Ao contrário do que muita gente pensa, as ovelhas não seguem apenas o pastor, mas também uma ovelha mais velha escolhida naturalmente pelo rebanho. Com isso, o animal eleito se torna alvo da obediência dos demais. Aonde a ovelha líder vai, as outras vão atrás, ainda que seja para lugares perigosos, como abismos ou rios.

Lembro-me de que, para deter todo o rebanho em um só lugar, era preciso apenas amarrar a ovelha líder em um pequeno tronco, e as outras ficavam soltas pastando o dia inteiro em torno dessa referência. Também recordo-me de que, para conduzir o rebanho de um lugar a outro, puxávamos apenas a líder por meio de uma corda amarrada ao seu pescoço ou cabresto, e as outras seguiam fielmente. Com isso, passei a entender que, para que os projetos da igreja funcionem bem,

o pastor precisa contar com o apoio das ovelhas mais velhas. Elas podem conseguir resultados expressivos, se bem conduzidas. O pastor conduz a ovelha líder, e ela, por sua vez, conduz o rebanho.

Aprendi com o tempo que os líderes locais podem ter mais influência do que o pastor, devido a alguns fatores: o tempo em que estão na igreja; as amizades já consolidadas; e, o fato de serem indicados pela própria congregação. Por essas razões, é muito importante que a igreja seja bem atendida por bons líderes, experientes e que sejam capazes de conduzir os membros a lugares seguros. Esse é um grande desafio para o pastor, pois, caso as “ovelhas velhas” não transmitam uma boa influência, vários membros poderão ser conduzidos para o penhasco da dissidência, cair nos buracos da revolta, da murmuração, da inatividade e, na pior das hipóteses, da morte espiritual, a apostasia.

Quando o pastor percebe que a ovelha líder é rebelde e representa uma ameaça ao rebanho, ele precisa tomar providências imediatas para proteger as demais ovelhas. Às vezes é necessário que o pastor quebre a perna da ovelha velha para limitar seus movimentos ou mude-a para outro lugar, longe das outras. Aprendi que, para salvaguardar a igreja das influências de maus líderes, por vezes, faz bem limitar a influência deles mudando-os de cargo ou mesmo retirando-os da função, para que não mais representem ameaça a outros.

As ovelhas se dispersam. Quando cuidávamos de ovelhas na zona rural de minha cidade de origem, de vez em quando percebíamos a ausência de uma. Acidentalmente, algumas delas se aventuravam em pastos aparentemente mais palatáveis. Depois de algum tempo, o animal se via sozinho e em desespero. Na tentativa de voltar ao rebanho, seguia por caminhos desconhecidos, por isso, se perdia.

Como não eram muitas, facilmente verificávamos a falta da aventureira e íamos buscá-la. Quando a reencontrávamos, não havia em nós sentimento de raiva ou decepção, mas de alegria por tê-la encontrado com vida. Ellen White afirma que o verdadeiro pastor, ao perceber a ausência de uma ovelha, enche-se de cuidados e de apreensão. Conta e reconta o rebanho. Quando se certifica de que realmente um animal se perdeu, ele não dorme. Quanto mais escura e tempestuosa a noite, quanto mais perigo ao caminho, maior é a apreensão do pastor, e com maior dedicação ele o procura. Faz todos os esforços possíveis para encontrar a ovelha perdida.³ Assim também se espera que o ministro faça o mesmo em suas igrejas. Ele não deve olvidar esforços no sentido de encontrar a ovelha perdida. Além disso, jamais deve condenar a ovelha que se afastou, mas, com cuidado, é desafiado a conduzi-la ao lugar de segurança.

Ovelha gera ovelha. Somente elas são capazes de se reproduzir. O pastor não pode gerar ovelhas, não é natural. Seu papel está em escolher o bom pasto, os lugares em que os animais podem encontrar água, cuidar das feridas e proteger as ovelhas de animais selvagens e de ladrões.

Na igreja, o pastor deve alimentar o rebanho com boas mensagens no púlpito, vacinar o rebanho contra as epidemias das falsas doutrinas, erguer e consertar as cercas do conhecimento doutrinário, a fim de evitar que “animais ferozes” e “ladrões” adentrem o redil e firam ou roubem as ovelhas. É muito importante que ele também capacite adequadamente os membros, para que tenham condições de descobrir e desenvolver seus dons espirituais. Ademais, espera-se que o pastor organize o trabalho e crie boas condições para que os membros discipulem novos membros.

As ovelhas ouvem a voz de seu pastor. Elas são incapazes de ouvir uma voz

que não seja a de seu pastor. Elas “ouvem a sua voz, ele [o pastor] chama pelo nome as suas próprias ovelhas” (Jo 10:3). No mesmo capítulo, Jesus declara: “Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não lhes deram ouvido” (Jo 10:8). A voz de estranhos soa como ameaça ao rebanho. As ovelhas que estão bem de saúde são indiferentes à voz de desconhecidos. Acredita-se que somente os animais doentes e fracos atendem a estranhos.

Os pastores não podem descuidar da saúde espiritual de seu rebanho. No planejamento das atividades anuais, devem priorizar um programa de discipulado bem dirigido, tendo em vista formar cristãos maduros e espirituais, capazes de se reproduzir. Aliado a isso, precisa dar atenção a programas que orientem a leitura da Bíblia e de boa literatura cristã. Capacitações para a descoberta de dons espirituais e estimular os membros ao serviço cristão serão de grande valia.

Lembre-se de que Jesus é o Bom Pastor (Jo 10:11). “Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as Minhas ovelhas; livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão” (Ez 34:12). Cristo foi capaz de dar a vida por Suas ovelhas. Ele espera que sejamos pastores capazes de amar nossas ovelhas e, se necessário, dar a vida por elas. **TM**

Referências

¹ Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: CPB, 2014), p. 52.

² Ibid.

³ Ellen G. White, *Histórias do Grande Mestre* (Tatuí, SP: CPB, 2014), p. 33.



Gentileza do autor

Abdoval Cavalcanti, mestre em Teologia (SALT, Cachoeira, BA), é pastor em Manaus

Confiança total

Casei-me quando trabalhava na região Norte do Peru. Durante a gravidez de minha esposa, Ana, fomos transferidos para o distrito missionário de “El Dorado”. Ali nasceu nosso primeiro filho, David Alejandro, trazendo muita alegria à nossa casa.

Trabalhamos arduamente no evangelismo, pregando a mensagem da salvação em Cristo. O distrito era composto de 31 igrejas e grupos, todos distantes um do outro. Lembro-me com satisfação das longas horas em que caminhava pela selva, sob chuva, em meio à lama e, raras vezes, de motocicleta.

No entanto, minha alegria no ministério foi se apagando, porque nosso filho começou a apresentar, em seus primeiros meses de vida, problemas sérios de saúde que se complicaram gradualmente. Orávamos com lágrimas e súplicas a Deus, mas a condição de David não mudava. Tivemos de enviá-lo várias vezes a Lima para ser atendido; todavia, ele não apresentava melhora. Eu me perguntava: “Por que Deus não responde nossas orações?” Embora seja um pastor, sou humano e sentia muito pelo sofrimento de meu filho.

Apesar de toda tristeza que sentíamos, minha esposa e eu resolvemos firmemente que a Obra do Senhor devia avançar. Decidimos não cruzar os braços. Preguei muitas vezes com o coração partido. Saía de casa ainda de madrugada, deixando meu filho chorando de dor e, depois de visitar os lares de irmãos, em lugares distantes, regressava tarde da noite. Não raramente, as chuvas me impediam de guiar a moto ou me faziam atolar enquanto caminhava. Quando chegava ao meu lar, encontrava meu filho sofrendo em lágrimas.

Contudo, Deus nos abençoou grandemente. Em 2014 tive o privilégio de ser



ordenado ao ministério. Nesse mesmo ano, conduzimos 201 pessoas ao batismo.

No início de 2015, pensávamos que a saúde de nosso filho havia melhorado, mas não foi isso que ocorreu. De fato, ela piorou bastante. Após ser submetido a várias ecografias, os médicos detectaram um tumor maligno em seu sistema genital. O nível de células cancerígenas em seu sangue era de 1.200, o que normalmente é de 0 a 6.

Minha esposa e meu filho foram enviados com urgência a Lima, enquanto fiquei no distrito, dirigindo conferências evangelísticas. Meus colegas pastores, os administradores do Campo e os irmãos da igreja oravam sem cessar. Devido à gravidade do problema, os médicos precisaram remover a gônada genital esquerda de nosso filho. Após a cirurgia, os exames indicaram que ainda havia células cancerígenas em seu corpo. Continuamos clamando incessantemente. Foi então que vimos a resposta divina e o poder da oração intercessora.

Antes de iniciar as sessões de quimioterapia, o médico responsável solicitou

mais alguns exames e, para sua surpresa, a quantidade de células cancerígenas havia baixado de 1.200 para 120. Nas semanas seguintes, a diminuição prosseguiu. Assombrado pelo que estava acontecendo, o médico exclamou: “É um milagre!”

David precisará seguir com seu tratamento durante 10 anos; entretanto, cada vez que o levamos ao médico, vemos a confirmação dos milagres de Deus.

O ministério pastoral tem seus desafios, e há tempo para chorar como também para se alegrar. No entanto, o que jamais deve haver é tempo para desconfiar de Deus. As provas e os temores pelos quais passamos devem nos levar para mais perto de nosso Senhor. Meu versículo preferido tem sido o Salmo 23:4: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque Tu estás comigo.” Portanto, sigamos em frente, confiando plenamente em nosso Deus, sabendo que, em Suas mãos, estamos seguros. **M**

David Carrasco Laborío
é pastor em Lima, Peru

A cerimônia de dedicação

A cerimônia de dedicação de crianças enfatiza a gratidão a Deus pelo milagre do nascimento. Maria e José dedicaram o menino Jesus no Templo de Jerusalém (Lc 2:22). Essa é uma prática estabelecida nas Escrituras e ao longo da história do cristianismo. Diferentemente das igrejas que praticam o batismo infantil, a dedicação de crianças segue o exemplo bíblico deixado por Jesus: “Deixai vir a Mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus. [...] Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava” (Mc 10:14, 16).

As crianças podem ser dedicadas tão cedo quanto desejem os pais. A cerimônia ocorre com maior frequência entre recém-nascidos. Crianças além da idade de um ou dois anos raramente são dedicadas; entretanto, não há limite de idade fixado a esse respeito. O ato deve ser realizado por pastores ou anciãos ordenados.

Alguns itens importantes devem ser considerados ao planejar a cerimônia:

Local. Em algumas culturas, a dedicação pode acontecer em casa ou em outros ambientes. No entanto, o ideal seria realizá-la durante o serviço de adoração, no dia principal de culto. Ela deve ser realizada quando a maior representação possível da irmandade estiver presente, a fim de que a congregação também se comprometa em apoiar os pais no processo educacional da criança.

Planejamento. A cerimônia deve ser planejada e anunciada com antecedência, possibilitando aos pais e familiares tempo necessário para se prepararem para a ocasião. Geralmente, são os pais que sugerem a data para sua realização. Alguns desejam logo após as primeiras semanas do nascimento do bebê, outros, um pouco mais tarde. Provavelmente, a família e os amigos que não são membros da congregação serão convidados. Eles devem receber uma saudação especial por parte do oficiante e da congregação.

Programa. Durante a liturgia, os pais são convidados a vir à frente, diante da congregação, com a criança a ser dedicada. Familiares poderão acompanhá-los, dependendo do espaço disponível e do número de crianças a ser dedicadas. O tempo da cerimônia não deve ser longo. Lembre-se de que ela é parte do culto, não o motivo especial dele. Também é preciso considerar que bebês e crianças são impacientes.

Dedicação. É recomendado que se faça a leitura e um breve comentário de um texto bíblico referente ao momento, como

Deuteronômio 6:4-7; Salmo 127:3-5; Provérbios 22:6; Isaías 8:18; Mateus 18:2-6, 10; Mateus 19:13-15; Marcos 10:13-16; Lucas 2:22-38; Lucas 18:15-17. A apresentação da Palavra de Deus servirá para enfatizar o compromisso dos pais em educar a criança “na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6:4).

A seguir, o pastor ou ancião que dirige a cerimônia, se for somente de uma criança, poderá segurá-la nos braços. Algumas crianças têm resistência a pessoas estranhas. Nesse caso, é melhor que os pais a segurem, enquanto o oficiante põe a mão sobre a cabeça dela e ora dedicando-a ao Senhor.

Quando houver várias crianças para serem dedicadas, o pastor pode convidar os anciãos para auxiliá-lo. Durante a oração, todos colocam a mão sobre a cabeça das crianças. A menção do nome da criança na oração acrescenta um toque pessoal que confere solenidade à cerimônia.

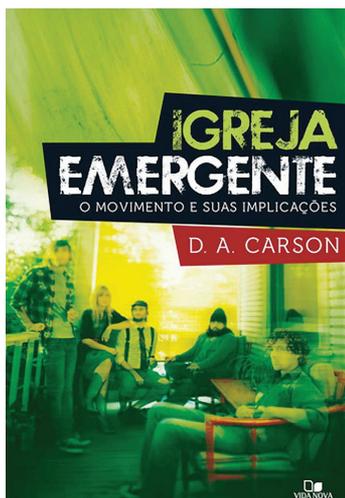
Certificado. O certificado de dedicação, preparado com antecedência, deve ser entregue aos pais após a oração. A diretora do Rol do Berço ou do Ministério da Criança pode ser convidada para entregá-lo. Cumprimentos aos pais e familiares também fazem parte desse momento.

Algumas igrejas têm o costume de apresentar a criança com a *Bíblia do Bebê* (CPB) ou com a *Bíblia da Criança* (CPB). Nesse caso, o pastor imprime na primeira página da Bíblia o pezinho da criança, depois de tingir a sola em uma almofada para carimbo. 



William de Moraes

Márcio Nastrini, mestre em Teologia (Unasp, EC), é editor associado da Ministério e editor da Lição dos Jovens na Casa Publicadora Brasileira



Igreja Emergente: O movimento e suas implicações

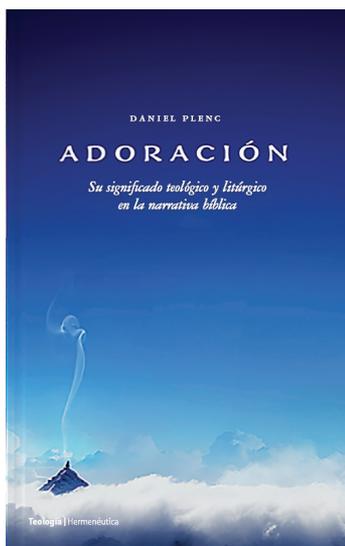
D. A. Carson, Vida Nova, 2010, 288 p.

O que é igreja emergente? Uma nova proposta para a igreja ou apenas mais uma moda passageira? Quem são os líderes desse movimento? Quais são as suas principais ideias? No livro *Igreja Emergente*, você terá as respostas para essas e muitas outras perguntas.

Escrito pelo renomado autor D. A. Carson, um dos eruditos cristãos mais respeitados de nossos dias, essa obra apresenta uma avaliação cuidadosa e informativa desse movimento. O autor não escreveu apenas para acadêmicos cientes do assunto, mas também para quem não está familiarizado com essas novas práticas e ideias e deseja se inteirar a respeito do tema.

Com uma linguagem objetiva, clara e precisa, ele faz uma introdução ao movimento emergente a partir do ponto de vista crítico e teológico, expondo suas fragilidades e reconhecendo também seus pontos positivos. Além disso, avalia a igreja emergente a partir da leitura que ela faz da pós-modernidade e de sua proposta de contextualização.

Numa época em que se constata igrejas abraçando tanto a pragmática quanto a abordagem teológica proposta pelo movimento, o leitor certamente se beneficiará da análise feita pelo autor.



Adoración: Su significado teológico y litúrgico en la narrativa bíblica

Daniel O. Plenc, Universidad Adventista del Plata, 2017, 156 p.

A busca de um fundamento revelado para a adoração eclesial está longe de ser uma mera preocupação acadêmica reservada para um grupo especializado de teólogos bíblicos. Tem sido sempre um desafio para a comunidade de fé e, atualmente, é quase o clamor desesperado de congregações que se veem às voltas com tendências e correntes muitas vezes em conflito. Os líderes e dirigentes do serviço de culto precisam de respostas e orientações que sejam não somente satisfatórias, mas também legítimas.

O doutor Daniel Plenc conseguiu extrair das Escrituras, com suas histórias e personagens, as bases para uma teologia de adoração, analisando narrativas capazes de orientar a teoria e a prática do culto contemporâneo.

Algumas das passagens mais significativas que ele analisa nessa obra são: as teofanias do período patriarcal, as manifestações do Êxodo e do Sinai, algumas experiências pessoais e corporativas, as visões do trono de Deus e certos incidentes narrados nos evangelhos.

Esse livro serve como uma fonte de reflexão e inspiração tanto para pastores e líderes eclesiais quanto para aqueles que desejam um relacionamento mais profundo e significativo com Deus.

revistaministerio.com.br
[f revistaministerio](https://www.facebook.com/revistaministerio)
[@MinisterioBRA](https://twitter.com/MinisterioBRA)

Ministério

BÍBLIA SAGRADA

Autenticidade e ação

Algumas pessoas dizem que definir igreja emergente é uma tarefa quase impossível. Desafiam qualquer tentativa de descrever, definir ou categorizá-la. Contudo, ela é real e não deveria ser ignorada como se fosse uma tendência passageira.

Apesar da pluralidade de vozes e comunidades que compõem o movimento emergente, é possível identificar certas atitudes, objetivos e características em comum que as unem. Embora não seja uma “nova denominação”, trata-se de uma rede de pastores congregacionalistas de pensamento similar, que busca eliminar ou superar as barreiras doutrinárias e eclesiológicas que separam as pessoas. Em outras palavras, procuram seguir as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, afastando-se da religião organizada e focando-se na espiritualidade personalizada.

Devido a suas características, é possível constatar que as práticas de adoração e a teologia emergente estão afetando a igreja cristã de modo geral e, particularmente, as principais denominações protestantes. Como resultado, alguns membros autoproclamados “progressistas” pedem mudanças, insistindo em serviços de adoração mais experimentais e participativos. Eles desejam que os cristãos sejam inclusivos e abertos em vez de exclusivos e críticos. Geralmente, se não conseguem satisfazer suas necessidades, cedo ou tarde acabam se afastando da comunidade.

Por outro lado, existem os membros que não aprovam essas mudanças. Resistem, inclusive, a pequenas alterações. Esse grupo espera que seu pastor seja rígido e defenda as práticas de adoração e a teologia estabelecida. Frequentemente, eles se mantêm firmes e se alegram quando o outro grupo vai embora, considerando que se livraram desses “pós-modernistas e relativistas radicais”. Estes últimos veem as mudanças como uma necessidade, enquanto os primeiros suspeitam que com as transformações radicais vêm a apostasia. Ambos os grupos, entretanto, respondem às grandes mudanças culturais que estão ocorrendo na sociedade. Por esse motivo, é necessário conciliá-los, a fim de se encontrar um ponto de equilíbrio; embora isso às vezes pareça algo muito difícil.

Não podemos aceitar todas as filosofias e práticas propostas pela igreja emergente; porém, há coisas que podemos aprender de suas inovações. Esse movimento

tem identificado problemas reais. No entanto, ainda que seja importante buscar maneiras de tornar a igreja relevante para a sociedade pós-moderna, em nenhum momento devemos abdicar dos princípios e das doutrinas bíblicas que fundamentam a “verdade presente” para este tempo. “Julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1Ts 5:21).

Dito isso, talvez o maior alerta enviado pelo movimento emergente esteja relacionado com a necessidade de sermos cristãos *autênticos*. Frequentemente nos deparamos com membros da igreja que não vivem o que pregam, ou que não refletem em sua vida os princípios cristãos. A sociedade pós-moderna dificilmente rejeita a sólida mensagem bíblica quando observa que o mensageiro vive de modo coerente.

Em segundo lugar, a igreja emergente nos desafia à *ação*. Estamos em um período singular da história. Precisamos ser mais intencionais do que nunca. Se for preciso, devemos realizar mudanças em nosso *modus operandi*, a fim de prover variados ministérios e enfoques, para alcançar uma população cada vez mais diversa. Precisamos atuar a fim de alcançar e nutrir a todos os seguimentos da sociedade. Nesse sentido, o melhor é desenvolver uma congregação reavivada, consagrada, vigorosa e focada em Cristo e na missão de salvar pessoas.

A autenticidade, a bondade e a amabilidade práticas e o amor sempre foram os aspectos mais atrativos da fé cristã. Apesar dos tempos em que vivemos, creio firmemente que isso continua sendo verdadeiro. Conforme Ellen White escreveu: “Se nos humilhássemos perante Deus, e fôssemos bondosos e corteses, compassivos e piedosos, haveria uma centena de conversões à verdade onde agora há apenas uma” (*Testemunhos para a Igreja*, v. 9, p. 189). Viver essa declaração seria um grande começo para resguardar nossa relevância no mundo atual e, principalmente, apressar o regresso do Senhor Jesus. **M**

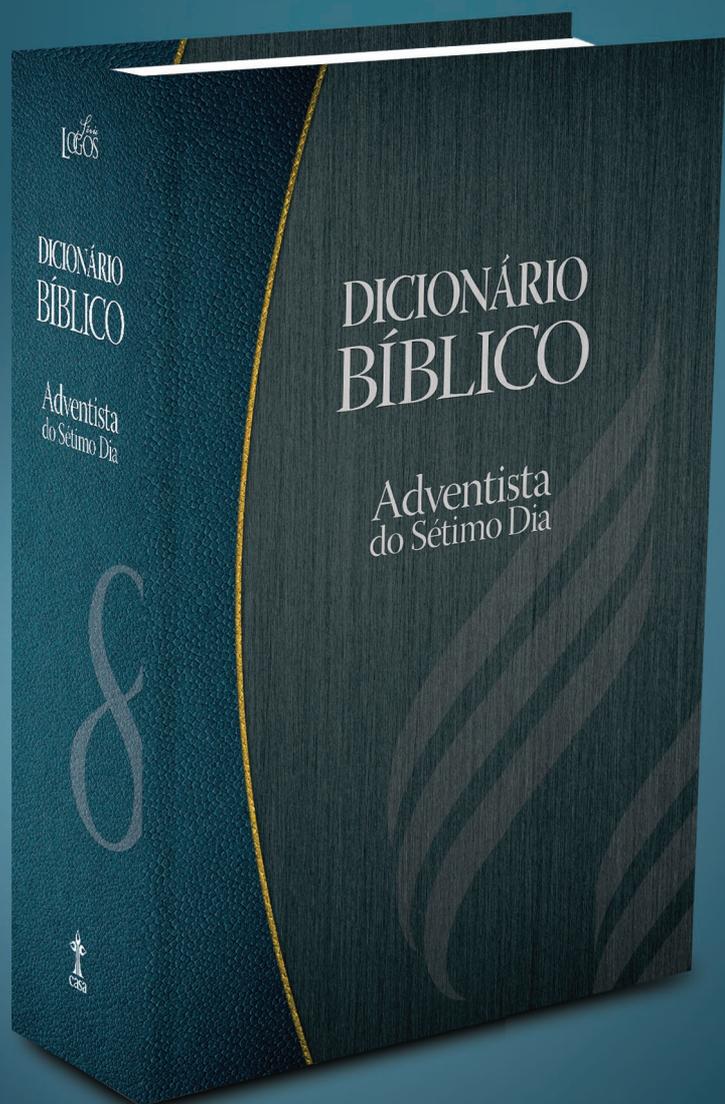


Talvez o maior alerta enviado pelo movimento emergente esteja relacionado com a necessidade de sermos cristãos autênticos e ativos. ”



Gentileza do autor

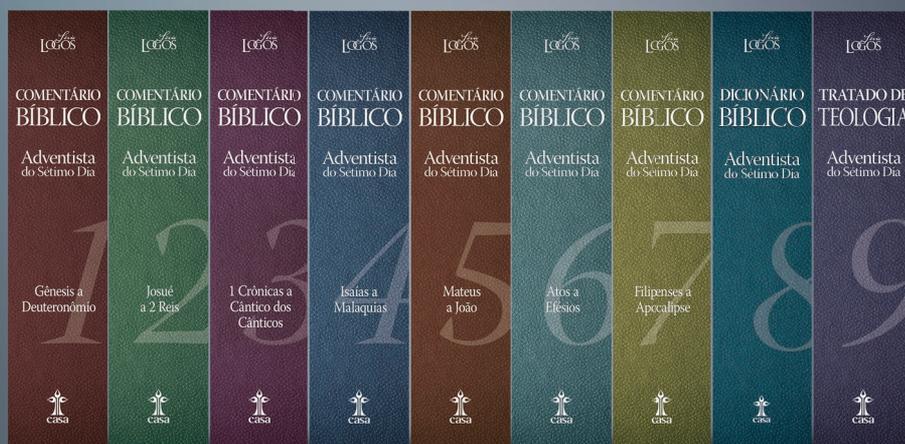
Walter Steger, formado em Teologia (UAP), é editor associado da *Ministério*, edição em espanhol



Série
LOGOS

Dicionário Bíblico

Fornece detalhes sobre personagens pouco conhecidos, expõe o sentido de expressões nas línguas bíblicas, harmoniza cronologias, oferece um panorama dos livros bíblicos e explora manuscritos e versões antigas, conectando dados bíblicos, históricos e arqueológicos envolvidos no contexto das Escrituras. Contém mapas explicativos, tabelas, diagramas e ilustrações que auxiliam o leitor a compreender o conteúdo de forma mais didática.



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

SMS - Envie a mensagem CPBLIGA para o número 28908

